

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

**UNIVERSIDADE PAULISTA**

**Patricia Caldeira de Almeida**

**LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA:  
A língua portuguesa de Mia Couto em ‘O último voo do flamingo’ como  
instrumento de construção da identidade cultural moçambicana e pontos de  
intersecção com João Guimarães Rosa em "Grande sertão: Veredas"**

**XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

**ANPUH**  
BRASIL

**SANTOS**

**2013**

**Patricia Caldeira de Almeida.**

**LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA:  
A língua portuguesa de Mia Couto em ‘O último voo do flamingo’” como  
instrumento de construção da identidade cultural moçambicana e pontos de  
intersecção com João Guimarães Rosa em "Grande sertão: Veredas"**

**Trabalho de Iniciação Científica de  
Licenciatura em Letras apresentado  
à Universidade Paulista - UNIP.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Durante.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

SANTOS

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Universidade Paulista – UNIP pela bolsa de Iniciação Científica que me foi concedida;

Agradeço à coordenadora do curso de Letras, Professora Florcema Bacellar por ter acreditado no meu potencial e na minha capacidade em desenvolver este trabalho;

Agradeço à minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra<sup>a</sup> Denise Durante, por todo o apoio, orientações e pelo incansável acompanhamento ao longo da realização deste trabalho.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Sou um escritor africano de raça branca. Este seria o primeiro braço de uma apresentação de mim mesmo. Escolho estas condições — a de africano e a de descendente de europeus — para definir logo á partida a condição de potencial conflito de culturas que Transportam (...) como outros brancos nascidos e criados em África, sou um ser de fronteira. Para melhor sublinhar minha condição periférica, eu deveria acrescentar: sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa. Porque o idioma estabelece o território referencial de mestiçagem, o lugar de reinvenção de mim. necessito inscrever na língua de meu lado português a marca da minha individualidade africana: Necessito tecer um tecido africano, mas só o sei fazer usando panos e linhas europeias. (COUTO, Mia, "O Gato e O Novelo", Entrevista a José E. Agualusa. JL, Lisboa, 8/10/1997. p.59)

## RESUMO

Mia Couto personifica o momento atual de Moçambique, fase de redescoberta e reconstrução social, política e cultural. Sua obra mergulha nas tradições africanas e representa as mágoas do ex-colonizado, apresentando potencial para integrar o estudo da história e da cultura dos povos africanos, incluso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) desde 2003 e aspecto de extrema importância para o Brasil, país de população composta por mais de 50% de afrodescendentes e 49,24% divididos entre descendentes de europeus, ameríndios e asiáticos. Vinculado às áreas de Literatura, Linguística, Análise Literária, Língua Portuguesa, este estudo apoia-se na Teoria Literária e Literatura Comparada de Antonio Candido, com o objetivo esclarecer se o conceito de moçambicanidade criado pelo autor do *corpus*, “O último voo do flamingo”, assim como se este momento de produção cultural ativa é parte da vida dos moçambicanos, entre os quais apenas 39,6% falam português e praticamente 100% desconhece a obra do autor. Adicionalmente, foi estabelecido um paralelo entre “O último voo do flamingo” e “Grande sertão: veredas” de João Guimarães Rosa e identificados pontos de intersecção entre a superfície linguística e camadas mais profundas de ambas as obras, contemplando seus elementos extra-linguísticos.

Palavras-chave: Literatura africana, língua portuguesa, Moçambique.

## ABSTRACT

Mia Couto embodies the moment of Mozambique social, political and cultural rediscovery and reconstruction phase. His work delves into the African traditions and represents the woes of ex-colonized, with potential to integrate the study of the history and culture of African people, included in the *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) since 2003 and of extreme importance to Brazil, country which population consists of more than 50% of African descent, and 49.24% divided between european descents, amerindians and asians. Linked to Literature, Linguistics, Literary Analysis, Portuguese language, this study relies on Literary Theory and Comparative Literature of Antonio Candido, in order to clarify the concept of *moçambicanidade* created by the author of the *corpus*, "O último voo do flamingo", as if this moment of cultural production is part of the active life of Mozambicans, of whom only 39.6% speak Portuguese, and virtually 100% unaware of the author's work. Additionally, we established a parallel between "O último voo do flamingo" and "Grande sertão: veredas" by João Guimarães Rosa and identified points of intersection between the linguistic surface and deeper layers of both works, contemplating their extra-linguistic elements.

Keywords: African literature, Portuguese language, Mozambique.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	08
2 A OBSERVAÇÃO DO PANORAMA HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DE MOÇAMBIQUE, SUAS LÍNGUAS E SUA LITERATURA COMO EMBASAMENTO PARA A COMPREENSÃO DO <i>CORPUS</i> .....	13
2.1 Antes, durante e após a colonização portuguesa .....	14
2.2 O longo caminho de Moçambique até a paz e a liberdade: Portugal, FRELIMO, RENAMO e a esperada democracia.....	16
2.3 As línguas de Moçambique antes, durante e após a colonização portuguesa .....	18
2.4 A primeira geração literária moçambicana pós-independência .....	20
2.5 Autores de destaque, obras, tendências .....	21
2.6 António Emilio Leite Couto, Mia Couto .....	22
3 “O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO” .....	29
3.1 A história de Moçambique no bater das asas do flamingo .....	29
3.2 As personagens .....	31
3.3 O fantástico moçambicano .....	36
3.4 O desregramento da linguagem em António Emílio Leite Couto e João Guimarães Rosa: o português moçambicano em “O último voo do flamingo” e o português brasileiro em “Grande sertão: veredas”.....	38
3.4.1 O léxico.....	38
3.4.2 Ditos populares e provérbios de Tizangara ao sertão de Minas Gerais.....	47
3.4.2.1 Ditos populares e provérbios identificados em “O último voo do flamingo”....	47
3.4.2.2 Ditos populares e provérbios identificados em “Grande sertão: veredas”.....	48
3.5 “O último voo do flamingo” e “Grande sertão: veredas”: pontos de intersecção	

entre Mia Couto e João Guimarães Rosa em seus aspectos sócio-históricos. A literatura como instrumento de formação da identidade cultural.....49

4 CONCLUSÃO ..... 52

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ..... 55

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui-se de uma análise do romance “O último voo do flamingo” do escritor moçambicano Mia Couto, objetivando averiguar o significado e a aplicabilidade do conceito de moçambicanidade, do qual o autor é considerado o inventor, para os próprios moçambicanos. A perspectiva adotada para desenvolvimento do tema proposto envolve Linguística, Literatura e História.

A obra de Mia Couto, autor escolhido para o *corpus* deste estudo, surpreende e encanta o leitor com sua linguagem reestruturada, o contexto repleto da tradição africana e da história do povo moçambicano, suas críticas à política da ex-metrópole portuguesa e à política atual de Moçambique. Sua literatura engajada, combatente da dominação colonial apresenta ao mundo não-africano este novo momento de pulsante produção cultural da África.

No Brasil, a importância da África reafirma-se em políticas governamentais de inclusão social, no reconhecimento das raízes africanas de nossa multiculturalidade e da contribuição da África à constituição do Brasil. Destaca-se o surgimento de uma solidariedade política e cultural decorrente da revisita às situações de tensão, sofrimento e conflito (MACEDO; MAQUÊA, 2004, p.10).

Contemplando obras e autores representativos do momento atual das ex-colônias de Portugal, entre elas, a Moçambique de Mia Couto, a literatura africana de expressão em língua portuguesa é repleta de significado histórico, humano e político. Adicionalmente, as obras literárias africanas transformam a língua portuguesa em um instrumento de expressão do universo do colonizado, expandindo-a para muito além dos limites de Portugal e Europa.

Constante dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o ensino sobre a história dos povos africanos apresenta amplo potencial de desenvolvimento,

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

aprofundamento, temas para trabalhos escolares, universitários, pesquisas científicas. Une-se a este potencial aquele representado pelo mercado editorial brasileiro, não apenas com as publicações de autores africanos de língua portuguesa, como Mia Couto, Pepetela e José Craveirinha, entre outros, mas de material didático para os ensinos Fundamental e Médio. Tais aspectos tornam o tema de grande interesse para a área de Licenciatura em Letras.

Chamam especial atenção as estatísticas publicadas no Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do ano de 2010, apontando que 50,76% da população brasileira é composta por afrodescendentes, enquanto os 49,24% restantes dividem-se entre brancos, indígenas e amarelos. Esta configuração étnica intensifica a importância de se trabalhar com a história e a cultura africanas.

Mia Couto, autor do *corpus* escolhido para este projeto, o romance “O último voo do flamingo” , é considerado o criador do conceito de moçambicanidade. Juntamente a outros escritores lusodescendentes nascidos na África como José Craveirinha (1922 – 2003), Pepetela (1941) e Rui Knopfli (1932 – 1997), Couto personifica este novo momento do continente africano, produtor de cultura e não mais de seres humanos escravizados, pacíficos e sofredores. Sua literatura estabelece frutífero diálogo com expoentes da literatura brasileira como Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), Cecília Meireles (1901 – 1964), Vinícius de Moraes (1913 – 1980), João Guimarães Rosa (1908 – 1967) e Manuel Bandeira (1886 – 1968).

A questão que se coloca no momento atual de Moçambique, em que apenas 39,6% da população fala português e praticamente 100% dos moçambicanos desconhecem a obra do autor, é: para quem está sendo criado o conceito de moçambicanidade? Seria este um conceito externo a Moçambique, que a tem como sua principal personagem, mas lhe é desconhecido? Está a República de Moçambique envolvida neste processo de produção cultural além dos limites de seu meio intelectual?

O estudo aqui desenvolvido vincula-se às áreas de Literatura, Linguística

Textual, Análise Literária, Língua Portuguesa e História, apoiando-se na Teoria Literária e Literatura Comparada de Antonio Candido . Para Abdalla (2007), Literatura e História eram, até o final do século XVIII, gêneros quase fundidos, quando se distanciaram e assumiram metodologias próprias. Este respaldo teórico remete obrigatoriamente à busca de explicações sociológicas e de significados psicológicos e afetivos na obra e em sua correlação com o autor e o contexto social e histórico em que este se insere. Trechos retirados de “Literatura e Sociedade” contribuem para a compreensão da linha argumentativa deste estudo.

[...] “Em todos estes casos, o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós [...]” (CANDIDO, 2006, p.25)

A análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel, do qual se pode dizer, como Fausto do Macrocósmos, que tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra:

.. alies sich zum Ganzen webt!

Eins in dem andern wirkt und lebt! (CANDIDO, 2006, p.16)

O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 2006, p.17)

Para Candido (2006, p.83), o entendimento de uma obra requer a observação de texto e de contexto, do externo (social) e do interno. Contudo, não apenas fatores sociais interferem em uma obra, mas aspectos psicológicos, religiosos e linguísticos, sendo a consideração de todos eles que constrói a análise coerente da obra. O sentido do texto, para Koch (2011) constrói-se na interação entre texto e sujeito enunciativo. A compreensão deste sentido é uma atividade interativa que se baseia nos elementos linguísticos da superfície do texto, sua forma de organização mas também na mobilização de amplo conjunto de saberes. A obra literária apresenta uma função histórica e social e a sociedade em que a obra foi criada condiciona

certas representações mentais . A obra literária representa uma época e esclarece aspectos importantes da sociedade.

Ainda no âmbito da compreensão e interpretação de um texto e sua contextualização, ressalta-se a seguinte posição:

Um enunciado só se torna inteligível quando colocado dentro de seu contexto de situação, se me é permitido cunhar uma expressão que indique, por um lado, que a concepção de contexto precisa ser ampliada e, por outro, que a situação em que as palavras são usadas jamais poderá ser descartada como irrelevante para a expressão linguística. Podemos ver o quanto a noção de contexto necessita ser substancialmente amplificada se quisermos que ela tenha plena utilidade. De fato, ela deve ultrapassar os limites da mera linguística a ser alçada à análise das condições gerais sob as quais uma língua é falada. (Malinowski, *The problem of Meaning in Primitive Languages*)

Firth (1957), a partir de Malinowski, defendeu a ideia de que o “contexto social” deveria ser enfatizado, pois palavras e sentenças não têm sentido em si mesmas se removidas de seus contextos de uso. O conceito de Firth foi retomado por linguistas voltados ao aspecto sociológico da linguagem como Hymes (1964) e Halliday (1976).

Destaca-se que estrutura social, valores, ideologias, técnicas de comunicação são aspectos que influenciam concretamente a criação literária. A arte, porém, está muito além de apenas as vivências de seu autor (CANDIDO, 2006, p.30). Não é possível separar a personagem de seu universo ficcional (BOURNEEUF; OUELLET, 1976, p.106), nem o escritor de seu lugar físico e social, sendo sua enunciação coerente com este conjunto (MAINGUENEAU, 2001, p. 108).

O fragmento abaixo confirma a linha seguida por este trabalho, relacionando texto e contexto:

Há um consenso relativo sobre o fato de que, sob a noção de contexto, se oculta a hipótese de que nenhuma análise linguística, de qualquer ordem que seja, pode ser feita sem levar em conta ou fazer intervir, em algum momento, elementos exteriores aos dados ou fatos linguísticos analisados. Isto é, de que é possível considerar as unidades linguísticas isoladamente, mas que tal análise é insuficiente e que é preciso levar em conta outra coisa do exterior, isto é, o contexto. Isto significa fazer uma análise dos elementos não de forma isolada, mas em agrupamentos, em combinação, em funcionamento com outros elementos. (KOCH, 2011, p.25)

Complementarmente, a análise da linguagem de Mia Couto terá como respaldo teórico a Análise Crítica do Discurso (ACD), abordagem interdisciplinar do estudo dos textos, que considera a linguagem “como uma forma de prática social” (Fairclough 1989: 20) e pretende “desvelar os fundamentos ideológicos do discurso”. As obras do autor, “*Language and Power*” (1989) e “*Critical Discourse Analysis*” (1995) afirmam que o objeto do estudo do discurso é articular a análise de textos (falados ou escritos), a análise da prática discursiva (processos de produção, distribuição e consumo dos textos) e a análise dos eventos discursivos. A partir desta articulação, Fairclough propõe abordar o discurso como prática sociocultural.

A ACD entende que a linguagem constitui importante elemento de prática social, sendo igualmente um fator responsável pela criação, pela manutenção e pela transformação da significação do mundo.

Como objetivo geral, este trabalho busca demonstrar que o conceito de moçambicanidade criado por Mia Couto e intensamente trabalhado em suas obras atinge quase que apenas leitores não moçambicanos. O mundo pode tomar conhecimento da atual produção cultural de Moçambique, mas não o povo do país.

No âmbito dos objetivos específicos, a descrição das origens e da história da República de Moçambique, de suas etnias formadoras, línguas, colonização europeia constitui, junto a identificação dos pontos de intersecção com o contexto histórico do país e a literatura de Mia Couto, um dos principais aspectos. Adicionalmente, este estudo objetiva analisar e comentar a obra “O último voo do flamingo” sob a perspectiva sociocrítica de Antônio Candido, identificando as características linguísticas do autor do *corpus* relacionando-as à Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough e destacando os pontos comuns com “Grande sertão: veredas” de João Guimarães Rosa, em seu aspectos linguísticos e extralinguísticos.

A pesquisa bibliográfica foi a metodologia escolhida para realização do estudo aqui proposto, partindo da história de Moçambique antes, durante e após a colonização portuguesa, atravessando o momento da guerra civil e a atual implantação da democracia. Os autores escolhidos para o embasamento histórico

foram Francisco Noa, Mylan Newitt, Rui Moreira de Carvalho, Tania Macêdo e Vera Maquêa e Gilberto Matusse.

Será abordada a linguagem característica do autor e apresentadas considerações sobre as línguas nativas de Moçambique, a convivência destas com a língua do colonizador, a relação de Mia Couto com a linguagem de João Guimarães Rosa, o contexto social e histórico dos autores e a presença de ambas as obras na formação da identidade de seus povos.

Em seguida, serão examinadas as fases da literatura moçambicana, seus autores e obras mais representativas. Serão considerados, além disso, aspectos históricos, sociais e políticos além de, passando a uma diferente linha de análise, a abordagem dos aspectos linguísticos, bem como a forma de utilização da língua portuguesa no *corpus* escolhido. Requer-se, pois, que sejam analisadas as personagens da obra, figuras representativas da relação entre o universo africano e o universo europeu na obra de Mia Couto. Para exemplificar as características das personagens mais importantes de “O último voo do flamingo” serão selecionados fragmentos da obra.

Por fim, serão apontados dados estatísticos de Moçambique, a partir de relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) com o propósito de averiguar a possibilidade de confirmação da hipótese proposta por este estudo.

## **2 A OBSERVAÇÃO DO PANORAMA HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL DE MOÇAMBIQUE, SUAS LÍNGUAS E SUA LITERATURA COMO EMBASAMENTO PARA A COMPREENSÃO DO *CORPUS*.**

Um texto origina-se do trabalho humano de criação em parceria com os condicionamentos sociais, dimensões culturais, condições econômicas, conflitos éticos e contradições políticas, que compõem o contexto no qual foi gerado e publicado. A Literatura, instituição social viva, é um processo histórico, político e filosófico; semiótico e lingüístico; individual e social, não se limitando a textos e caracteres, mas envolvendo personagens situadas historicamente em contextos sociais muito bem definidos. Cada momento histórico expressa valores sociais e ideológicos e o seu relato, a História, é uma construção da cultura humana, assim

como o é a Literatura. (FERREIRA, 2012, p.2-5)

Para René Remond (2003), a Literatura não se limita ao âmbito autor-texto-leitor, mas dinamiza-se entre estes e o momento político que os envolve:

A Literatura, desse modo, não pode estar apenas no texto, como não está no autor, nem no leitor. Ela constitui-se numa dinâmica que a todos envolve e compromete, numa unidade de movimento intensamente dialética. (...) O historiador do político não reivindica como objeto de sua atenção preferencial essa hegemonia; não pretende que tudo seja político, nem terá a imprudência de afirmar que a política tem sempre a primeira e a última palavra, mas constata que o político é o ponto para onde confluem a maioria das atividades e que recapitula os outros componentes do conjunto social. (...) Porque ele recapitula os outros níveis da realidade, o político é uma das expressões mais altas da identidade coletiva: um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar, de viver a política quanto por sua literatura, seu cinema e sua cozinha. Sua relação com a política revela-o, da mesma forma que seus outros comportamentos coletivos. (RÉMOND, 2003, p.447)

Freitas (1986) afirma não ser excludente a relação entre obra literária e contexto histórico e a História como tema de obras literárias, mas sim integrativa:

No primeiro caso, enfatiza-se a possibilidade de se assimilar a obra literária ao contexto histórico em que ela foi produzida; no segundo, trata-se da apropriação pela Literatura da temática da História. São duas perspectivas de análise que obviamente não se excluem, mas que exigem abordagens e instrumentos analíticos específicos, conforme se esteja numa outra perspectiva. O estudo da integração – ou, mais exatamente, da interação – da obra literária com o contexto no qual ela se insere, parte da análise comparativa das duas séries numa visão totalizante e evolutiva, que leva explicações sociológicas de caráter amplo, podendo ser aplicada a toda e qualquer produção literária de determinada época. Já o exame da obra de ficção que utiliza um assunto histórico como tema de sua trama é mais específico, e apresenta problemas particulares e aspectos polêmicos que merecem uma análise mais profunda.[...] Isso significa que não se trata do problema de ficções literárias que apenas aludem a situações históricas com objetivos os mais diversos, nem das que simplesmente situam sua intriga num determinado contexto sócio-histórico, que lhe serve de pano de fundo, numa preocupação de dar maior realismo ao texto ou de retratar certos aspectos da sociedade no momento em questão. Trata-se especificamente do romance que toma uma realidade qualquer do universo histórico – um acontecimento, uma situação, uma personagem -, e a transforma em sua própria matéria, ou seja, em parte integrante de sua estrutura interna, fazendo dela uma realidade estética. (FREITAS, 1989, pp.112-113)

Este estudo procurou ampliar os limites da análise da obra “O último voo do flamingo” para além da superfície linguística, aprofundando-se no universo africano em seus aspectos social, histórico, político e mítico, seguindo o pensamento dos estudiosos aqui citados dentre os quais, Antonio Candido, Ingedore Koch, René Remond e Norman Fairclough, para quem a palavra precisa ser considerada dentro do contexto de produção do enunciado para ser compreendida em sua totalidade. Aos elementos exteriores aos fatos linguísticos, foi dada especial atenção por acreditar-se que, tanto em Couto quanto em Rosa, tais fatos são insuficientes para o estudo e a compreensão da riqueza de “O último voo do flamingo” e de “Grande sertão: veredas”.

## **2.1. Antes, durante e após a colonização portuguesa.**

Isolada pelo deserto do Saara ao norte, o deserto de Calaári ao sul, o oceano Atlântico a oeste e o Índico a leste, sem portos e com rios de difícil acesso, para Carvalho (2005, p. 35), a África negra abriu-se mal e tardiamente ao mundo exterior. A África pré-colonial apresentava estruturas políticas de reinos e impérios que possuíam vasta área de influência e mantinham um estável equilíbrio político, social e cultural. O poder político efetivo era possuído por aqueles com o poder da palavra e integrados a rituais religiosos; o rei desempenhava o papel conciliador em momentos de conflito.

As culturas africanas eram sólidas e elaboradas principalmente em sua organização social, de costumes e de técnicas. Apesar disso, para os europeus colonizadores, africanos eram povos sem história (MACÊDO, MAQUÊA, 2004, p.17). É preciso atentar que o navegador português Vasco da Gama chegou pela primeira vez a Moçambique, em 1497, e encontrou entrepostos comerciais árabes e uma grande parte da população local convertida à fé islâmica. (NEWITT, 1995, p.15)

A partir de 1600, colonos portugueses são enviados à Moçambique, muitos destes com origem indiana. Ao se casarem com filhas dos chefes locais, estes colonos iniciavam linhagens poderosas no comércio e na agricultura. A presença oficial portuguesa em Moçambique limitava-se, até finais do século XIX, a poucas

capitanias distribuídas pelo litoral. Bem estabelecido em Goa, de lá Portugal enviava ordens a Moçambique, enquanto aguardava que os comerciantes se voltassem ao interior do território em número suficiente para justificar, ou permitir, uma administração efetiva. (NEWITT, 1995, p.4)

Há que se pesar o fato de que o aspecto de maior importância para Portugal era o controle do comércio do ouro, em primeiríssimo lugar, seguido pelo de marfim e pelo de escravos. Após 1875, Moçambique foi obrigada a fornecer recursos naturais e bens de consumo e exportação para sua metrópole. Para alcançar estes objetivos e inibir as ambições britânicas e holandesas, a partir de 1914, Portugal estabelece uma administração efetiva em Moçambique, ficando presença naquela que transformaria em eficiente fornecedora de matérias primas para a indústria da metrópole. (NEWITT, 1995, p.192)

A metrópole portuguesa impunha um processo de assimilação e aculturação que forçava os colonizados a romper com sua tradição cultural, colocando os africanos numa posição ambígua na qual não eram mais africanos nem chegavam a ser europeus. (MACÊDO; MAQUÊA, 2004, p.16)

Mia Couto, na fala da personagem Sulplício, expõe a situação cultural dramática do moçambicano, proibido de ser africano, obrigado a ser quase-europeu:

[...] durante séculos quiseram que fôssemos europeus, que aceitássemos o regime deles de viver. Houve uns que até imitaram os brancos, pretos desbotados. Mas ele, se houvesse de ser um deles, seria mesmo, completo, dos pés aos cabelos. Iria para a Europa, pedia lugar lá no Portugal Central. Não o deixavam? Como é: ou se é português ou se não é? Então se convida um alguém para entrar em casa e se destina o fulano nas traseiras, lugar da bicharada doméstica? Mesma família, mesma casa. Ou é ou não? (COUTO, 2000, p.49)

O suporte ideológico à política de assimilação imposta pela metrópole era dado pelo sistema de ensino, principalmente. Os colonizados eram considerados ignorantes e semi-bárbaros enquanto a assimilação cultural forçava-os a abandonar os seus valores culturais originais. (MATUSSE, 1993, p.48)

Mais uma vez é a personagem Sulplício que dá voz à Mia Couto ao declarar serem os moçambicanos seus próprios inimigos no processo de aculturação imposto pela metrópole portuguesa:

[...] só se dispara sobre o inimigo quando ele estiver perto. No caso dele, porém, ele estava tão próximo que arriscava disparar sobre ele mesmo. Ou fosse dizer: o inimigo lhe estava dentro. Isso que ele atacava era não um país de fora, mas uma província de si. A bandeira portuguesa não era dele. Isso ele sabia. Mas veja bem: que mais outra bandeira eu tinha?” (COUTO, 2000, p.49)

Em seu momento pós-colonial, a África vê fracassar as estruturas econômicas coloniais e torna-se dependente do apoio de instituições financeiras internacionais para seus programas de desenvolvimento, como coloca Carvalho (2005, p.48). Hoje, muitos países africanos têm sua política fortemente influenciada pelas diferenças e pelos conflitos que perduram entre os diferentes grupos, uma vez que os Estados africanos foram determinados em função dos interesses europeus na África durante o final do século XIX. Carvalho (2005, p.49) afirma que as fronteiras geográficas dos Estados africanos são artificiais e ignoram a realidade do continente. A junção de todos estes aspectos políticos e históricos, cultura ancestral desrespeitada, imposição da cultura do colonizador, guerras internas, formação artificial dos Estados, determinou a grande dificuldade da formação da identidade nacional africana.

## **2.2. O longo caminho de Moçambique até a paz e a liberdade: Portugal, FRELIMO, RENAMO e a esperada democracia.**

Aristóteles em sua obra “Política” afirma que o homem é um animal político. O escritor argentino Ernesto Sabato, reconhecido debatedor de questões sociais e o escritor Salman Rushdie, Sir Ahmed Salman Rushdie, autor de “Versos Satânicos” (1989), consideram ser impossível separar o homem político do escritor. (ALMEIDA, 2010).

O professor Antonio Candido exemplifica a relação entre literatura e política através do escritor e poeta do arcadismo brasileiro, Silva Alvarenga:

Destaquemos desse contexto a função de Silva Alvarenga, provavelmente o primeiro escritor brasileiro que procurou harmonizar a criação com a militância intelectual, graças ao senso quase didático do seu papel. Em torno dele formou-se um grupo, o da Sociedade Literária, que se prolongou

pelos dos alunos por ele formados como Mestre de Retórica e Poética, entre os quais alguns próceres da Independência. Assim, não apenas difundiu certa concepção da tarefa do homem de letras como agente positivo na vida civil, mas animou um movimento que teve continuidade, suscitando pequenos públicos fechados que se ampliariam, pela ação cívica e intelectual, até as reivindicações da autonomia política e, inseparável dela, da autonomia literária. (CANDIDO, 2006, p.88)

Para Francisco Noa (1997, p.12), a brutalidade da colonização portuguesa e o longo período de subjugo fizeram germinar entre os moçambicanos, o anseio pela libertação, traduzido na criação de três movimentos pela libertação que, unidos em 1962 sob a orientação de Julius Nyerere, primeiro presidente da Tanzânia, deram origem à FRELIMO (Frente pela Libertação de Moçambique).

A Luta Armada de Libertação Nacional foi oficializada em 25 de Setembro de 1964 e durou cerca de 10 anos. A guerra terminou em 1974, permanecendo Moçambique sob governo de transição Portugal/FRELIMO até 1975, data da oficial independência, após 61 anos oficialmente como colônia de Portugal. (NOA, 1997). O primeiro presidente da livre Moçambique foi Samora Machel e sua principal missão, restituir ao povo moçambicano os direitos e a cidadania longamente negados pela metrópole.

De acordo com Noa (1997), com a constante animosidade entre FRELIMO (partido por muito tempo detentor do poder) e RENAMO ("Resistência Nacional Moçambicana"), segundo maior partido político moçambicano, surgido como reação ao primeiro, Moçambique só encontrou efetivamente a paz, em 1992, com a assinatura do Acordo Geral de Paz. Em dezembro de 2004 Moçambique teve sua terceira eleição presidencial e as administrações têm mostrado compromisso sério com a estabilidade política, a democracia, a reconciliação nacional e a reforma sócio-econômica. Entre 1996 e 2006 Moçambique experimentou forte crescimento econômico, da ordem de 8% e significativa redução da pobreza.

No sítio de notícias "Operamundi", João Alves publicou em 10/11/2012 artigo jornalístico sobre a palestra informal que Mia Couto ministrou em São Paulo. Nela, o escritor declarou:

Política é um assunto tão sério que não pode ser deixado só nas mãos dos

políticos. Temos de reinventar uma maneira de fazer política, porque isso afeta a nós todos. Faço isso pela via da escrita, da literatura, já que me mantenho jornalista e colaboro com jornais. Também faço intervenções como visitar bairros pobres onde as pessoas não recebem meu tipo de mensagem. Essa é a minha militância. Fazer política hoje exige grande criatividade, temos de saltar fora de modelos, mas o modelo de fazer política faliu. Em todo o lado do mundo. Então é preciso reinventar, ter imaginação. Para ter imaginação é preciso sair fora dos padrões que vemos”.

Na mesma palestra, sobre seu alistamento clandestino na FRELIMO, Mia Couto esclareceu:

“Havia na época um ritual chamado ‘confissão de sofrimento’, onde cada pessoa para ser aceita contava sua história de vida e todos os fatos que o colonialismo os fez sofrer. Ouvi cada história e me assustava, porque não tinha sofrido tanto quanto eles. Temia que teria de inventar uma história muito sofrida para ser aceito. Quando chegou minha vez de falar, me perguntaram: ‘É você que escreve poesias?’ e respondi que sim. Daí me disseram: ‘Então tudo bem, você pode entrar’”.

### **2.3. As línguas de Moçambique antes, durante e após a colonização portuguesa.**

Ainda antes da escrita, achados arqueológicos documentam a história de Moçambique. Habitada pelos Khoisan, povo caçador-recoletor, entre os séculos I e IV, Moçambique recebe os povos Bantu, agricultores e metalúrgicos do ferro. A documentação escrita da história de Moçambique teve início com o estudioso viajante árabe, Al-Masudi, por volta do século X. Ainda hoje muitas línguas são faladas em Moçambique, a maioria delas é ágrafa. A pluralidade linguística reflete a pluralidade cultural do país. A língua portuguesa é a língua oficial de Moçambique. Assimilada culturalmente pelo colonizado, a língua portuguesa é o idioma do ensino, da administração pública, da imprensa e das relações com o mundo exterior. (MACÊDO; MAQUÊA, 2004, p.34)

É relevante esclarecer que, de acordo com dados do Censo de 1997 promovido pelo Instituto Nacional de Estatística do governo de Moçambique, 6,5% da população tem como língua materna o português. Grande parte deste percentual

é composta por habitantes das áreas urbanas. O idioma é falado por 39,6% dos moçambicanos e o restante da população divide-se entre falantes do emakhuwa (26.3%), do xichangana (11.4%) e do elomwe (7.9%), todas de origem bantu.

O português moçambicano originalmente segue a regra europeia, mas seu uso cada mais se distancia do português de Portugal.

O grupo de países denominados lusófonos, mantenedores de aspectos linguísticos e culturais comuns entre inúmeras nações com a língua portuguesa como língua nacional, compreende Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste. A língua portuguesa é monitorada pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, apresentando variações de um país para o outro e constitui a principal herança cultural deixada pela colonização portuguesa. O português do Brasil, por exemplo, possui um timbre mais aberto e sofre influência dos africanos escravizados e da cultura indígena. Já na África, apesar dos países lusófonos possuírem variações, estão mais próximos ao falar de Portugal. (MARIANI, 2003, p.73 )

Para Mariani (2003, p.74), as nações lusófonas sofreram uma colonização também linguística, uma vez que a relação entre colonizador e colonizado é também um acontecimento discursivo. A língua colonizadora visa impor-se sobre as línguas dos colonizados e, aquela que irá tornar-se a língua nacional do ex-colonizado, organiza-se através dos confrontos, contatos, práticas sociais e históricas. Os sistemas linguísticos de colonizador e colonizado reorganizam-se e são mutuamente alterados.

Para Pêcheux (1990, p.17) a colonização linguística, decorrente da colonização dos tempos do império português ultramarino, estabelece o encontro entre o momento atual e as memórias dos povos envolvidos no encontro. A língua nacional falada nas ex-colônias traz a memória europeia, mas modificou-se na convivência com as línguas dos colonizados. Em sua alocução na “Conferência internacional sobre o serviço público de rádio e televisão no contexto internacional: a experiência portuguesa no âmbito dos 50 anos da RTP” em 19 de junho de 2007, Mia Couto declarou que a língua portuguesa é africana há séculos, beneficiada com as contribuições linguísticas dos árabes que ocuparam a Península Ibérica.

A imposição da língua da metrópole era também a domesticação do

colonizado, cuja cultura fugia aos parâmetros do que se considerava, na época, civilização (Bethania Mariani, 2003). A língua, ao mesmo tempo, é uma forma de dominação e de resistência cultural. (Rodrigues, 2005)

#### **2.4. A primeira geração literária moçambicana pós-independência.**

Em seu artigo "Literatura africana em língua portuguesa", Nilton Garrido (2000) afirma que o termo "literatura africana" necessita ser melhor especificado, levando-se em conta as diferenças entre aquilo que pode ser considerado "literatura africana". Segundo ele, como "literatura africana" classifica-se toda obra em que a África é o motivo de sua mensagem e que se ergue contra um modismo europeu e europeizante. Já como "literatura neo-africana" estariam obras escritas em línguas europeias nas quais o centro do universo literário é o homem africano e não o europeu.

Ainda em Garrido (2000), a "literatura de raiz africana" origina-se no confronto linguístico, literário e ideológico surgido a partir dos anos 1940. A "literatura de raiz africana" é escrita em línguas locais misturadas à língua portuguesa com o intuito de se fazer menos acessível aos europeus. Exemplos desta fase que dura até a independência são "A vida verdadeira de Domingo Chavier" de Luandino Vieira e "Sagrada esperança" de Agostinho Neto.

A escrita literária africana traduz a tensão entre a sociedade colonial e a sociedade africana. A utilização da língua do colonizador, por conseguinte, estrangeira, faz do escritor africano de expressão em língua portuguesa, um homem dividido entre os dois mundos e que registra a tensão que se origina no momento em que o colonizado decide adotar a língua do seu colonizador. (FONSECA; MOREIRA, 2000, p.2) A literatura moçambicana é uma literatura que emergiu da situação colonial e apresenta a capacidade de reproduzir a sensibilidade do homem africano, que fala e se mostra com seu real psicológico, emotivo e social assim como o europeu colonizador. O colonizado sai da condição coisificada e recupera sua condição humana. Não há tradição de escrita nas culturas africanas, mas na literatura moçambicana convivem harmonicamente as línguas bantas e a língua portuguesa. (MATUSSE, 1993, p.6-7) Por serem as línguas bantas essencialmente

orais, a oralidade é o aspecto importante da literatura moçambicana. Esta convivência entre o oral e o escrito aflora aspectos socioculturais e sociolinguísticos, o culto e o popular.

## 2.5. Autores de destaque, obras, tendências.

Em sua fase pós-colonial as escritas de Moçambique dividiam-se entre o eurocentrismo e o resgate da tradição oral africana (MACÊDO; MAQUÊA, 2004, p.29). Para Laranjeira (1995, p.190-191), a literatura moçambicana de expressão em língua portuguesa divide-se em cinco períodos:

- 1º período, ou Incipiência, da chegada do colonizador português até 1924, com a publicação de 'O livro da dor' de João Albasini;
- 2º período, ou Prelúdio, de 1924 até o fim da II Grande Guerra;
- 3º período, ou Formação, de 1945 a 1963. Neste período, a produção literária moçambicana experimenta o nascimento de uma consciência grupal e destacando-se os autores Noémia de Sousa, Rui Nogar, Rui Knopli, Virgílio de Lemos, Rui Guerra, Fonseca Amaral e Orlando Mendes.
- 4º período, ou Desenvolvimento, compreendido entre o início da luta armada pela libertação nacional (1964) e a independência de Moçambique (1975) e marcado pela intensa atividade cultural e literária, com destaque para José Craveirinha ("Chigubo", 1964), Luís Bernardo Honwana ("Nós matamos o cão tihoso", 1964) e Orlando Mendes ("Portagem", 1966).

Intelectuais, escritores e artistas do quarto período dividem-se entre aqueles de identidade nacional não definida como Rui Knopfli, Glória de Sant'Anna, Guilherme de Melo, Jorge Viegas, Sebastião Alba, Lourenço de Carvalho, Eduardo Pitta, João Pedro Grabato Dias, Eugénio Lisboa e Ascêncio de Freitas e aqueles que assumiram a cidadania moçambicana sem reservas como Heliodoro Baptista, Leite de Vasconcelos e Mia Couto.

- 5º período, ou Consolidação, de 1975 (independência de Moçambique) a 1992 com a consolidação do processo de paz. Fase em que a literatura moçambicana experimentou uma autonomia até então desconhecida, com a exaltação patriótica e o culto aos heróis da luta pela libertação nacional,

embora as publicações ainda estivessem sob o controle do Estado e, conseqüentemente, da FRELIMO. Após a independência, Moçambique experimentou uma forte necessidade de afirmar seus valores nacionais e a literatura moçambicana firmou-se na fronteira entre as tradições culturais africana e europeia. (MACÊDO; MAQUÊA, 2004, p.30)

Mia Couto, em 1986, promoveu a grande mutação na literatura de Moçambique com o seu livro de contos "Vozes anoitecidas", provocando polêmicas e atiçando discussões. Estava liberta a criatividade da palavra e os temas tabus passaram a ser gradualmente abordados, como a convivência entre as raças ou a mistura de culturas. Em 1992, Mia Couto publica seu primeiro romance, "Terra sonâmbula", momento da abertura política de Moçambique e marco do final deste quinto período.

## 2.6. António Emilio Leite Couto, Mia Couto.

Moçambicano de Beira, lusodescendente, nascido em 1955, António Emílio Leite Couto (Mia Couto) é biólogo especializado em Ecologia, tendo sido também aluno da Faculdade de Medicina de Maputo entre 1971 e 1974 e ex-colaborador da FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Como jornalista, Mia Couto dirigiu a "Agência de Informação de Moçambique" (1976 a 1979), a revista "Tempo" (1979 a 1981) e o jornal "Notícias" (1981 a 1985).

Na atualidade, Mia Couto é o escritor moçambicano mais traduzido e um dos autores estrangeiros mais vendidos em Portugal (num total de mais de 400 mil exemplares). Em 10 de junho de 2013, Couto recebeu o Prêmio Camões, vencendo sua 25ª edição. A obra de Mia Couto aborda a problemática da construção da nação moçambicana e, entre as mais importantes, encontram destaque:

- "Raiz de Orvalho" – (poesia) Maputo: Cadernos Tempo, 1983. Publicado pela Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO). Obra de caráter intimista, lírico, contestador da poesia militante, panfletária; reúne poemas de diferentes momentos da produção do autor com temas variados. Abaixo apresenta-se fragmento da obra:

e os sonhos  
que sonhara ter  
em outros leitos despertaram

Quem me dera acontecer  
essa morte  
de que não se morre  
e para um outro fruto  
me tentar seiva ascendendo  
porque perdi a audácia  
do meu próprio destino  
soltei ânsia  
do meu próprio delírio  
e agora sinto  
tudo o que os outros sentem  
sofro do que eles não sofrem  
anoiteço na sua lonjura  
e vivendo na vida  
que deles desertou  
ofereço o mar  
que em mim se abre  
à viagem mil vezes adiada

De quando em quando  
me perco  
na procura a raiz do orvalho  
e se de mim me desencontro  
foi porque de todos os homens  
se tornaram todas as coisas  
como se todas elas fossem  
o eco as mãos  
a casa dos gestos  
como se todas as coisas  
me olhassem  
com os olhos de todos os homens

Assim me debruço  
na janela do poema  
escolho a minha própria neblina  
e permito-me ouvir  
o leve respirar dos objectos  
sepultados em silêncio  
e eu invento o que escrevo  
escrevendo para me inventar  
e tudo me adormece  
porque tudo desperta  
a secreta voz da infância

Amam-me demasiado  
as coisas de que me lembro  
e eu entrego-me  
como se me furtasse  
à sonolenta carícia  
desse corpo que faço nascer  
dos versos  
a que livremente me condeno

(COUTO, 1999, p.39-52)

- "Vozes anoitecidas" - Associação dos Escritores Moçambicanos, 1986. O livro "Vozes Anoitecidas" é composto de doze histórias nas quais Mia Couto declara seu amor à Moçambique e à Língua Portuguesa; abaixo destaca-se trecho:

O que mais dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros. Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes. (COUTO, 1986, p.11)

- "Cronicando" – Maputo: Notícias, 1986. Livro de crônica escritas para a imprensa moçambicana entre 1988 e 1990, tendo como tema comum a guerra civil e a miséria entrecortado por relatos da vida do autor. Segue fragmento de "Cronicando":

De tanto esperar o amor, ele acabou por amar a espera. Era Horácio, de olhos inodoros, vida acanhada e sonhos aguados. Tímido e desencorporado, ele era um subexistente. Os outros arrumavam-se com as namoradas, exercendo-se. Horácio não, solteirava em estado de deserto sensual.- Às vezes tenho-me pena – suspirava.Os amigos escutavam-lhe a solidão, compaixonados. Havia que ajudar Horácio a sair de si, desentocar-se. Procuraram uma miúda que aceitasse dar despacho aos suspiros do solitário. Não existia nenhuma. Horácio, diziam elas, é caril sem tempero, carente de vivência. Os amigos não tinham coração a medir: continuaram, indagando toda a garotoria disponível. Nenhuma acolhia a ideia. Até que se lembraram de Marta, a gorducha do bairro. (COUTO, 1991, p.89)

- "Cada homem é uma raça" – Alfragide: Caminho, 1990. Constituído de onze contos, retrata a vida em Moçambique, enfatizando a injustiça, a alienação, a sensibilidade. Abaixo apresenta-se fragmento da obra:

Certa vez, porém, passou por ali um forasteiro. Era homem sem retrato nem versões. Se muito chegou, mais ficou. Todos receavam o medonhável intruso, o irreputado intromissionário. Nos olhos dele, em verdade, não aparecia nenhuma alma, parecia o cego espreitando fora das órbitas. (COUTO, 1990, p.129)

- "Terra sonâmbula" – São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Mia Couto ambienta seu primeiro romance na guerra em Moçambique, com realismo forte e brutal e por este recebeu o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995, sendo considerado por um júri na Feira Internacional do Zimbabwe, um dos doze melhores livros africanos do século XX. O pano de fundo da trama é a recente guerra em Moçambique e foi adaptada para cinema pela cineasta portuguesa Teresa Prata em 2007. Um trecho da obra pode ser apreciado abaixo:

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes no futuro. (COUTO, 1992, p.7)

- "Estórias abensonhadas" – Alfragide: Ed. Caminho, 1994. Nesta obra o autor retrata o renascer de Moçambique após o "Acordo de paz". Abaixo pode-se apreciar pequeno fragmento da obra:

Toda estória se quer fingir verdade. Mas a palavra é um fumo leve de mais para se prender na vigente realidade. Toda a verdade aspira ser estória. Os factos sonham ser palavra, perfumes fugindo do mundo. Se verá neste caso que só na mentira do encantamento a verdade se casa à estória. (COUTO, 1994, p. 47)

- "A varanda do Frangipani" – Alfragide: Ed. Caminho, 1996. Ambientado na Moçambique 20 anos após sua independência, o narrador fantasma do carpinteiro Ermelindo Mucanga vive sob uma árvore típica de Moçambique, a Frangipani. O

narrador-personagem descobre que será transformado pelo governo em herói nacional, parte do processo de forja da nova identidade do país. Abaixo, apresenta-se trecho da obra:

E a feiticeira, mais respirável, foi desvendando os sucessivos véus do misterioso assassinato do diretor. (...) Excelência escondia armas, sobras de guerra. Eram guardadas na capela. Só o Salufo Tuco tinha acesso a esse armazém. A fortaleza se transformara num paiol. Os velhos, no princípio, não sabiam. Apenas Salufo tinha esse conhecimento. (COUTO, 2007, p. 135-136)

- "Contos do nascer da terra" – Alfragide: Ed. Caminho, 1997. O trecho a seguir exemplifica as alterações que o autor faz em ditos populares ou, como neste caso, em oração da religião católica:

- "Padre: me dê a dissolução".

O padre Ludmilo nem corrigiu. Se fosse a corrigir, disse ele mais tarde, teria que corrigir não a frase mas o homem. Pois, o visitante embriaguava a completa mistura da língua, aos tropeços nas rezas: "patrão *nosso que estais no Céu, o pão vosso de cada dia, Deus seja lavado*". (COUTO, 1997, p.7)

- "Mar me quer" – Alfragide: Editora Caminho, 2001. Retratando a história de Zeca Perpetuo e de dona Luarmina, o autor contextualiza a obra numa aldeia à costa de Moçambique. Dona Luarmina é a amada do pai de Zeca, supostamente morta. Zeca prometeu ao pai cuidar da amada morta todos os dias, no mar. No decorrer da trama, Zeca descobre que a amada do pai não morreu e que, mais do isso, é dona Luarmina. Abaixo, trecho da obra:

Alem disso, pensar traz muita pedra para o caminho. Por isso eu, um reformado do mar o que me resta fazer? Dispensado de pescar, me dispenso de pensar. Aprendi nos muitos anos de pescaria: o tempo anda por ondas. A gente tem é que ficar levezinho e sempre apanha boleia numa dessas onde ações. (COUTO, 2000, p.iv)

- "Vinte e zinco" – Alfragide: Editora Caminho, 1999. Mais uma vez Mia Couto aborda o peso da opressão da colônia sobre os moçambicanos e a violência das relações em uma pequena cidade do Moçambique colonial. O trecho a seguir exemplifica de maneira apropriada a mágoa do moçambicano: "[...] Vinte e cinco é para vocês que vivem em bairros de cimento para nós, negros

pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está para vir". (COUTO, 1999, p.70)

- "O último voo do flamingo" – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Abaixo, fragmento da introdução assinada pelo tradutor de Tizangara:

Fui eu que transcrevi, em português visível, as falas que daqui se seguem. Hoje são vozes que não escuto senão no sangue, como se a sua lembrança me surgisse não da memória, mas do fundo do corpo. É o preço de ter presenciado tais sucedências. Na altura dos acontecimentos, eu era tradutor ao serviço da administração de Tizangara. Assisti a tudo o que aqui se divulga, ouvi confissões, li depoimentos. Coloquei tudo no papel por mando de minha consciência. Fui acusado de mentir, falsear as provas de assassinato. Me condenaram. Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram. Agora, vos conto tudo por ordem de minha única vontade. É que preciso livrar-me destas lembranças como assassino se livra do corpo da vítima. (COUTO, 2000, p.3)

- "Na berma de nenhuma estrada e outros contos" – Alfragide: Editora Caminho, 2001. O autor reuniu relatos curtos publicados na imprensa portuguesa e moçambicana e transformou-os nestas vinte e oito histórias em que o fantástico e o sobrenatural coexistem na vida cotidiana dos moçambicanos, como apresentado no trecho abaixo:

Para sempre me ficou este abraço. Por via desse cingir de corpo minha Vida se mudou. Depois desse abraço trocou-se, no mundo, o fora pelo dentro. Agora, é dentro que tenho pele. Agora meus olhos se abrem apenas para as funduras da alma. Nesse reverso, a poeira da rua me suja é o coração. Vou perdendo noção de mim, vou desbrilhando. E se eu peço que ele regresse é para sua mão peroleira me descobrir ainda cintilosa por dentro. Todo este tempo me madreperolei, me enfreitei de lembrança. (COUTO, 2001, p.111)

- "O gato e o escuro" – São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Fábula sobre as aflições que nutrimos com relação ao desconhecido. A seguir, fragmento da obra:

Sim, o escuro, coitado. Que vida a dele, sempre afastado da luz! Não era de sentir pena? Por exemplo, ele se entristecia de não enxergar os lindos olhos do bichano. Nem os seus mesmos ele distinguia, olhos pretos em corpo negro. Nada, nem cauda nem o arco tenso das costas. Nada sobrava de sua anterior gateza. E o escuro, triste, desabou em lágrimas. (COUTO, 2001, p.37)

- "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra" – São Paulo: Companhia das Letras, 2002. A história traz o tema do acultramento africano ao universo branco, retorno às própria origens e o impasse cultural decorrente deste momento de passagem, repleta de intrigas e segredos familiares. "O amor nos pune de modo tão brando que acreditamos que estamos sendo acariciados" (COUTO, 2002, p.147)

O velho Mariano falou argumentando tudo por extenso. Que o mundo não mudaria por disparo. A mudança requeria outras pólvoras, dessas que explodem tão manso dentro de nós que se revelam apenas por um imperceptível pestanejar do pensamento. (COUTO, 2002, p.223)

- "O país do queixa andar" – Maputo: Ndjira, 2003. Abaixo, trecho extraído da obra:

E o porteiro negou passagem. Apareceu outro moçambicano de raça negra, Reclamando passagem:

- Se você deixar passar esse aí, nós vamos-te acusar de tribalismo!

O porteiro voltou a guardar a chave, negando aceder ao pedido. Foi então que surgiu um estrangeiro, mandando em inglês, com a carteira cheia de dinheiro. Comprou a porta, comprou o porteiro e meteu a chave no bolso. Depois, nunca mais nenhum moçambicano passou por aquela porta que, em tempos, se abria de Moçambique para Moçambique. (COUTO, 2003, p.9)

- "O fio das missangas" – São Paulo: Companhia ds Letras, 2009. Com foco nas personagens femininas, Mia Couto chama a atenção do leitor com insistência à maneira com que mulheres, adultas ou não, são tratadas pelos homens, sejam estes companheiros, pais, irmãos ou tios. As personagens femininas apagam-se em suas relações cotidianas, o que se reflete em sua auto-estima. A seguir, fragmento da obra:

"A missanga, todas a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai

compondo as missangas. Também assim é a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo.” (COUTO, 2003, p.154)

- "A chuva pasmada" – Alfragide: Editora Caminho, 2004. Livro infantil com ilustrações especiais feitas pela artista Danuta Wojciechowska (1ª ed. da Njira em 2004). Abaixo, pequeno trecho deste romance:

Indecisa entre céu e terra, a chuva não cai: uma chuvinha suspensa, leve pasmada, aérea. Ninguém se recordava de um tal acontecimento. Aquele lugar poderia estar sofrendo maldição. O espetáculo não procura, em chão de África, a imagem da terra árida; entrevê, nas relações humanas, centelhas de gotas que não se desempenham. Como uma inundação sem chão, esta chuva é cada um e, ao mesmo tempo, todos nós, que nascemos água e morremos terra. No espanto de uma chuva que não cai, "Chuva Pasmada" esconde-nos, como em enigma, a imagem oposta: sonho e intenção de um rio sobrando da terra. No fluir infindo de uma correnteza sempre nascendo, reinventamo-nos outros – sempre! "Chuva Pasmada" lembra-nos: há rio e canoa. Façamo-nos, nós mesmos, remos. (COUTO, 2004, s.n.)

- "O outro pé da sereia" – (romance). Alfragide: Editora Caminho, 2006. Diversas viagens cruzam-se neste romance: a de D. Gonçalo da Silveira, a de Mwadia Malunga e a de um casal de afro-americanos, cada um perseguindo seu sonho impossível: a conversão de todo um continente, o regresso à infância e o reencontro de um lugar encantado, respectivamente.: "A viagem não começa quando se percorrem as distâncias, mas quando se atravessam as nossas fronteiras interiores." (COUTO, 2006, p.214)

Os trechos as obras de Couto citados acima, possibilitam a percepção das características escriturais típicas do autor, os diferentes modos com que este concebe e trabalha a língua portuguesa e suas manifestações linguísticas criativas.

### **3 "O ULTIMO VOO DO FLAMINGO".**

#### **3.1 A história de Moçambique no bater das asas do flamingo.**

[...] E olhou para cima. O céu parecia baixo, rasteiro. O azul desse céu era tão intenso que se vertia líquido, nos olhos dos bichos. Então, o flamingo se lançou, arco e flecha se crisparam em seu corpo. E ei-lo, eleito, elegante, se despindo do peso. Assim, visto em voo, dir-se-ia que o céu se vertebrara e a nuvem, adiante, não era senão alma de passarinho. Dir-se-ia mais: que era

a própria luz que voava. E o pássaro ia desfolhando, asa em asa, as transparentes páginas do céu. Mais um bater de plumas e, de repente, a todos pareceu que o horizonte se vermelhava. Transitava de azul para tons escuros, roxos e liláceos. Tudo se passando como um incêndio. Nascia, assim, o primeiro poente. Quando o flamingo se extinguiu, a noite se estreou naquela terra. Era o ponto final. No escurecer, a voz de minha mãe se desvaneceu. Olhei O poente e vi as aves carregando o sol, empurrando o dia para outros aléns. (COUTO, 2000, p.42)

O texto literário constrói um mundo inspirado no mundo atual; um mundo possível que parte da percepção do autor, de sua experiência vivencial, de suas intenções e de sua relação com a realidade. O mundo ficcional representa o mundo real. (MATUSSE, 1993, p.167)

Mia Couto ambientou "O último voo do flamingo" na imaginária vila de Tizangara, pós-guerra, momento em que Moçambique convivia com os soldados das Nações Unidas, os "capacetes azuis".

Morte e destruição, corrupção e injustiças convivem com a sensação de início, com a esperança de saber-se reescrevendo a história, procurando o lugar que lhe cabe. "Mas, na minha vila, havia agora tanta injustiça quanto no tempo colonial. Parecia de outro modo que esse tempo não terminara. Estava era sendo gerido por pessoas de outra raça." (COUTO, 2000, p.40)

A literatura de Mia Couto é fortemente ligada à terra, sendo o próprio espaço físico uma importante personagem. O autor demonstra compromisso e envolvimento com as raízes do povo moçambicano e os costumes locais, apresentando às novas gerações aspectos esquecidos do povo moçambicano e resgata a história num processo de tentativa de despertar o sentimento de nacionalidade, identidade e orgulho das próprias origens.

Elementos como as raízes moçambicanas, o folclore, o misticismo, a cultura e a própria mistura entre a língua do colonizador e as línguas bantas moçambicanas, compõem o espaço social e físico. O autor remexe as marcas do domínio colonial, os horrores da guerra civil e a mutilação resultante dos campos minados herdados.

O embate entre colonizado e colonizador traduz-se nas personagens nativas e sua relação com os estrangeiros. Nas primeiras sobressaem as mágoas e nas

segundas, o caráter impositor, explorador.

A trama se passa no momento presente, porém é carregada da história de Moçambique, marcas da guerrilha, injustiças, submissão do nativo frente ao estrangeiro, abandono de valores tradicionais, preconceito étnico. Mia Couto passeia pelo passado histórico de Moçambique, critica os vícios políticos e confronta o catolicismo do colonizador com os mitos e valores do colonizado.

Os soldados da ONU são ironicamente chamados de gafanhotos, numa analogia à praga destruidora, nociva e maléfica que chega em bandos ensurdecedores; o europeu opressor que deve ser combatido.

A obra “O último voo do flamingo” começa com um pênis decepado na entrada da vila de Tizangara: inútil, sem um corpo a acompanhá-lo, desvalorizado, jogado no chão poeirento, descansa o símbolo máximo da virilidade, do poder masculino e, por consequência, patriarcal. É a representação física da morte da metrópole, da opressão colonialista, da repressão cultural.

O local onde o pênis anônimo é encontrado, a Estrada Nacional, compõe a imagem de morte do poder português na África e do conceito de nacionalidade até então imposto aos moçambicanos; a Estrada Nacional, o caminho, a entrada, a saída. “Mais um soldado resumido a um sexo!” (COUTO, 2000, p.36 )

### **3.2 As personagens.**

O escritor moçambicano Mia Couto constrói personagens que representam o universo africano em convivência com as que personificam o universo estrangeiro. Mais do que uma representação, o entrelaçamento entre estes universos define o “projeto de moçambicanidade”, abrindo caminhos para que a identidade moçambicana desperte, se revele e se edifique. São as personagens nativas que mostram ao leitor o aspecto multicultural de Moçambique, sufocado pelo imperialismo.

Assim como em João Guimarães Rosa, as personagens de Mia Couto vivem

à margem da sociedade, os velhos, as prostitutas, as crianças, os loucos, os excluídos de uma maneira geral. (CHAGAS, 2006, p.13-24)

A escrita de Mia Couto busca a identidade cultural do seu povo e a língua portuguesa se vê transformada ela mesma em importante personagem. Em Mia Couto, as personagens remontam a seus ancestrais, conhecem a alma africana, mistérios e crenças, apresentando um mosaico de Moçambique: desejos, medos, fantasias, realidade, lutas, sonhos.

O tradutor de Tizangara, personagem e ao mesmo tempo, narrador onisciente, assistiu aos acontecimentos, leu os depoimentos e ouviu as confissões. Ele ouve, compreende e transmite aos estrangeiros, um elo de ligação entre o universo africano e o mundo ocidental.

O tradutor funciona na trama como um decodificador. Em algumas passagens, seu discurso alia o humor ao fantástico:

Há aqueles que nascem com defeito. Eu nasci por defeito. Explico: no meu parto não me extraíram todo, por inteiro. Parte de mim ficou lá, grudada nas entranhas de minha mãe. Tanto isso aconteceu que ela não me alcançava ver: olhava e não me enxergava. Essa parte de mim que estava nela me roubava de sua visão. Ela não se conformava:Sou cega de si, mas hei-de encontrar modos de lhe ver! A vida é assim: peixe vivo, mas só vive no correr da água. Quem quer prender esse peixe tem que o matar. Só assim o possui em mão. Falo de tempo, falo de água. Os filhos se parecem com água andante, o irrecuperável curso do tempo. Um rio tem data de nascimento? (COUTO, 2000, p.16)

O tradutor personifica a ligação e o canal de entendimento e convivência das duas diferentes realidades que se acham obrigadas a interagir, personagens repletos de especificidades: estrangeiros, soldados, tradutor, nativos, prostituta, velhos, loucos. Seu discurso memorialista leva-o a reencontrar suas origens e seu pai; reviver o relacionamento com sua mãe e repensar sua própria terra.

Secretamente, eu deixara de amar aquela vila. Ou, se calhar, não era a vila, mas a vida que nela vivia. Eu já não tinha crença para converter a minha terra num lugar bem assombrado. Culpa do vigente regime de existirmos. Aqueles que nos comandavam, em Tizangara, engordavam a espelhos vistos, roubavam terras aos camponeses, se embebedavam sem respeito. (COUTO, 2000, p.40).

Ao longo do acompanhamento dos fatos e por seu trabalho como tradutor, ele

realiza seu vôo ao passado, numa referência ao caminho a ser percorrido pelo povo moçambicano para encontrar o rumo para a construção de sua identidade nacional.

Na personificação do poder corrompido na Moçambique pós-colonial e confirmando o cunho político da obra de Mia Couto, o administrador de Tizangara, Estevão Jonas, personifica o poder desonesto e ganancioso. Preconceituosa, a personagem despreza seu próprio povo. Suas mãos se aquecem em demasia quando toca a esposa, Dona Ermelinda, a "administratriz", mas não quando o faz com Ana Deusqueira, sua amante prostituta.

Em carta ao Chefe Provincial, Estevão Jonas, o administrador de Tizangara apresenta indícios da causa das explosões, e expressa o desprezo e o preconceito étnico que sente pelos seus iguais :

Porém, com os donativos da comunidade internacional, as coisas tinham mudado. Agora, a situação era muito contrária. Era preciso mostrar a população com a sua fome, com suas doenças contaminosas. Lembro bem as suas palavras, Excelência: a nossa miséria está render bem. Para viver num país de pedintes, é preciso arregaçar as feridas, colocar à mostra os ossos salientes dos meninos. Foram essas palavras do seu discurso, até apontei no meu caderno manual. Essa é atual palavra de ordem: juntar os destroços, facilitar a visão do desastre. Estrangeiro de fora ou da capital deve poder apreciar toda aquela coitadeza sem despender grandes suores. É por isso os refugiados vivem há meses acampados nas redondezas da administração, dando ares de sua desgraça. Eu era autoridade, não podia ficar ali destroçando conversa. Nem valia a Pena prosseguir diálogo: ele era um local, igual aos outros, mautrapilhosos. Por isso aquele barulho era música para ele. São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. Desculpe, Excelência, pode ser eu seja um racista étnico. Aceito. Mas esta gente não me comparece. Às vezes, até me pesam por vergonha que tenho neles. Trabalhar com as massas populares é difícil. Já nem sei como intitular-lhes: massas, povo, populações, comunidades locais. Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada. (COUTO, 2000, p.35)

Estevão Jonas, acusa Ana Deusqueira, sua amante prostituta, de causar as explosões. Neste momento, surge a explicação tão esperada pelo leitor. Segundo Ana Deusqueira, Estevão Jonas desviava o dinheiro destinado para remoção das minas e enterrava novas para conseguir mais dinheiro junto aos organismos internacionais.

Surpreendentemente, Dona Ermelinda, a "administratriz" defende a prostituta e expulsa Estevão de casa. Este foge com Chupanga para outro país com planos

de inundar Tizangara e deletar todas as provas de seus crimes. Dona Ermelinda é expulsa de Tizangara.

Massimo Risi é uma personagem pouco caracterizada pelo autor, que não apresenta detalhes como traços físicos, perfil psicológico, família ou mesmo sua vida na Itália. Os aspectos mais importantes sobre esta personagem é sua função de investigador da ONU e sua situação de estrangeiro. Massimo Risi não representa a Itália, mas sim a ONU, o mundo ocidental e branco. A grande surpresa que Massimo apresenta ao leitor é sua relação com Temporina, a possibilidade de união entre os dois universos, de aceitação de culturas tão antagônicas. Como personagem plana, evolui linearmente e não se modifica nem mesmo com a surpreendente relação afetiva e sexual.

Sempre incrédulo e perplexo, o italiano luta para esclarecer o mistério do pênis anônimo, mas não consegue compreender a cultura africana e seu aspecto fantástico:

"[...]na capital, a sede da missão da ONU espera por notícias concretas, explicações plausíveis. E o que tinha ele esclarecido? Uma meia dúzia de estórias delirantes [...] Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é esse mundo daqui". (COUTO, 2000, p.15)

O autor aborda questões históricas de Moçambique com ironia e espírito crítico. A tensa relação entre África e Europa, personificada na obra pelo italiano Massimo Risi e os soldados da ONU é traduzida por comentários cáusticos e frases cheias de simbolismo, como esta do tradutor:

"[...]como a alma dele (o estrangeiro) se via pelas suas traseiras! Os europeus quando caminham, parecem pedir licença ao mundo. Pisam o chão com delicadeza mas, estranhamente, produzem muito barulho. (COUTO, 2000, p.12)

O investigador da ONU tenta fazer caber a África em seus conceitos europeus. Não consegue. Num momento de reconhecimento e aceitação da derrota de seu pensamento ocidental frente à África, o italiano arremesa seus relatórios oficiais no abismo, desistindo de esclarecer as explosões de soldados das Nações Unidas em Tizangara; livra-se de seu último vínculo com a mentalidade ocidental.

Rende-se à África. A África se sobrepõe à Europa.

Restou um silêncio. Depois, o italiano foi ao saco em que se almofadara e de lá retirou um papel e uma caneta e, ordenadamente, rabiscou umas bem alinhadas frases. Espreitei sobre o ombro triste dele e li o que ele estava escrevendo. Logo surgia o gordo título: “Último Relatório”. E mais ele anotava, em total: Sua Excelência O Secretário-Geral das Nações Unidas: Cumpre-me o doloroso dever de reportar o desaparecimento total de um país em estranhas e pouco explicáveis circunstâncias. Tenho consciência que o presente relatório conduzirá à minha demissão dos quadros de consultores da ONU, mas não tenho alternativa senão relatar a realidade com que confronto: que todo este imenso país se eclipsou, como que por golpe de magia. Não há território, nem gente, o próprio chão se evaporou num imenso abismo. Escrevo na margem desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação. O italiano parou, caneta trêmula apontando o precipício que se abria a seus pés. E me pediu:

- Espreite lá, outra vez.
- Já espreitei mil vezes.
- E não vê nada?
- Nada.
- Viu bem lá no fundo?
- É que nem fundo não há. O melhor é espreitar o senhor.
- Não consigo. Sofro de tonturas.

O italiano acabou por se sentar na margem do abismo. Perto, passavam andorinhas, riscando o céu sem se aventurarem nesse céu subterrâneo, mais recente que o próprio dia.

- Que vamos fazer? - perguntei.
- Vamos esperar.

A voz dele era calma, como se vinda de antiga sabedoria.

- Esperar por quem?
- Esperar por outro barco - e, após uma pausa, se corrigiu: - Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir um outro.

Ele puxou da folha do relatório que acabara de redigir para as Nações Unidas. Fazia o quê? Dobrava e cruzava as dobras. Fazia um pássaro de papel. Esmerou no acabamento, e depois levantou-se e o lançou sobre o abismo. O papel rodopiou no ar e planou, pairando quase fluvialmente sobre a ausência de chão. Foi descendo lento, como se temesse o destino das profundezas. Massimo sorria, em rito de infância. Me sentei, a seu lado. Pela primeira vez, senti o italiano como um irmão nascido na mesma terra. (COUTO, 2000, p.78)

Temporina, a mulher que encerra em si a juventude e a decrepitude, é uma personagem redonda, modificando-se ao longo da trama e surpreendendo o leitor. Apesar de aparentar ser uma idosa, guarda em si o frescor e a força da juventude. Mantém-se presa na “Pensão Martelo Jonas”, reclusa. Através da personagem, Mia Couto traça uma analogia com a situação moçambicana, uma sociedade cheia de vigor e força para se firmar, mas que permanece aprisionada ao passado de sofrimento e ao presente de corrupção política.

Sentei-me na mesa-de-cabeceira e decidi desvendar o mistério de Temporina. Não por minha autoria. Nessa tarde, sem nada dizer, fui chamar a velha enquanto Massimo se despojava no leito. Estava cansado de mais para avaliar limpezas, certificarse de bichos sobre a colcha. Se abandonou. Seus sentidos se iam exilar não fosse o suave da voz:

- Não se assuste. Sou eu.

Era Temporina, sua velha vizinha. Ela permaneceu na penumbra, encostada num canto.

- Trouxe-lhe de beber.

E estendeu-lhe um copo. O italiano segurou na bebida, semierguido na cama.

- E o que é isto?

- Não pergunte. Beba, sem medo.

Ele trouxe a bebida de uma só vez. Temporina ainda tentou evitar-lhe o gesto, mas desconseguiu. Ela queria que ele vertesse uns pingos no chão, homenagem devida aos falecidos. A Hortênsia, no caso. O italiano estalou a língua nos dentes. A falsa velha se aproximou da luz. Seu corpo se iluminou enquanto o italiano, discreto, confirmava a beleza daquela mulher. Só então falei:

- Temporina, explique quem você é. E você, italiano, escute bem.

Temporina se encostou na cômoda, olhou mais longe que seu olhar.

Reinava em seu rosto um estranho sorriso. Me parecia aquela felicidade que eu já vira em rostos idosos: o simples feito de morrer mais tarde, depois de terminado o tempo. E falou, com sua voz de menina:

- Tenho duas idades. Mas sou miúda. Nem vinte não tenho.

- *Madonna zingara!* - suspirou Massimo, abanando a cabeça.

- Tenho cara de velha porque recebi castigo dos espíritos.

- *Madonna zingara!* - repetia o italiano.

- Castigaram-me porque se passaram os tempos sem que nenhum homem provasse da minha carne.

Ajudei na explicação. Eu conhecia Temporina, ela era apenas um pouco mais velha do que eu. Era verdade: ela não aceitara nenhum namoro enquanto moça. Quando deu conta, tinha-se passado o prazo da sua adolescência. Mais que o permitido. E assim desceu sobre ela a punição divina. Numa só noite seu rosto se preencheu de ruga, se perfez nela todo o redesenhar do tempo. Contudo, no restante corpo, ela guardava sua juventude. (COUTO, 2000, p.23)

Ana Deusqueira: prostituta, profissão nova na realidade de Tizangara, para a qual ainda não existe palavra. Sarcástica e crítica, mostra-se questionadora em várias passagens, entre elas: "Morreram milhares de moçambicanos, nunca nos vimos cá. Agora desaparecem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo?" (COUTO, 2000, p.12)

É a prostituta de Tizangara que, a certo ponto da trama, verbaliza a denúncia e a possível explicação para as explosões. Num movimento irônico, Mia Couto alça a personagem feminina de moral questionável à posição de denunciante da corrupção no poder público de Tizangara, esclarece o mistério das explosões, desestabiliza o poder e muda o destino político de Tizangara, livrando-a das

imoralidades administrativas que roubavam-lhe a possibilidade de um futuro.

Estêvão Jonas segurava Ana Deusqueira por um braço. A puxava contra si para depois a empurrar contra a parede. E gritava: puta, puta, puta! Que a mandava prender, acusada de culpa pelas mortes estrangeiras. Chupanga pedia calma. Já a prostituta no chão e o pé do administrador voou na direção dela. Ana Deusqueira, inclinada sobre um braço, ergueu o rosto e gritou:

- Você é uma merda! Vou-te denunciar!

Outro pontapé. Ana ia sangrando, o rosto dela perdia contorno. Tornei-me visível, a ver se parava a violência. O administrador me olhou espantado. Me ia ordenar, certamente, que eu saísse. Contudo, a voz de Ana Deusqueira se sobrepôs:

- És tu que estás a matar pessoas. És tu, Estêvão Jonas.

- Cala-te!

- Tu é que mandas colocar as minas! Tu é que matas os nossos irmãos.

- Não escute, ela é doida - disse ele para mim.

- Eu vi-te a semear as minas, eu vi...

Estêvão chegou ao limite. Ordena a Chupanga:

- Despachem essa gaja! (COUTO, 2000, p.67)

Tia Hortênsia, falecida que ainda habita sua casa, cuida do sobrinho (irmão de Temporina), última neta dos fundadores da Vila de Tizangara. Representa a origem de Tizangara, que insiste em não abandoná-los. Apesar de considerada morta, ainda está presente, influenciando, cuidando, interagindo.

Sulpício, pai do tradutor, o homem que pendurava os próprios ossos antes de dormir.

Outras personagens podem ser encontradas no *corpus*: Chupanga, adjunto do administrador, subserviente, bajulador; padre Munhado; o Feiticeiro e Zeca Andorinho.

### 3.3 O fantástico moçambicano.

Ao longo da obra "O último voo do flamingo", a linguagem é o suporte para os fatos inusitados e ilógicos de Tizangara: "O que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram". (COUTO, 2000, p.3)

Os fatos em Tizangara não caminham em concordância com a lógica tampouco com a ciência ocidental. Lá, mortos e vivos convivem no mesmo tempo-espaço. Na obra, há contrapontos muito bem delineados em que se colocam a verdade e a ficção, a realidade e a magia, o natural e o sobrenatural, o mundo dos

vivos e o mundo dos mortos, a força dos antepassados e a possível ausência de futuro. O tempo oscila entre o passado moçambicano e o momento presente, de ocupação do país por forças da ONU. (FONSECA; FERREIRA, 2008)

Girando em torno da morte e da destruição dos soldados da ONU, a trama se desenvolve através do olhar do italiano Massimo Risi e da onisciência do narrador, o tradutor de Tizangara. A atmosfera irreal envolve cada personagem da vila de Tizangara. Temporina, rosto de velha e corpo de moça; a velha tia que, depois de morta, torna-se um louva-a-deus; o homem que, ao tocar uma mulher, tem suas mãos aquecidas como carvão aceso; um outro que, ao dormir, pendura os próprios ossos fora do corpo; feitiços que transformam os enfeitados em formigas após emagrecimento extremo.

A própria guerra é transformada por Mia Couto em algo mágico, o ‘realismo mágico’ típico do autor, a exemplo de Gabriel García Márquez, como coloca Letícia Pereira de Andrade em seu artigo para a revista “África e Africanidades”, nº 2 (2008).

O italiano Massimo Risi encerra seus trabalhos relatando que o país desaparecera e joga a documento em direção ao abismo. O ocidental branco, o ancião africano guardador da história e da memória da África e aquele que retornou na busca do significado de suas raízes africanas, personificam o passado, o presente e a promessa de futuro. Sulplício, o tradutor, cujo nome nunca foi revelado, e Massimo Risi são os três únicos sobreviventes de Tizangara e testemunhas dos fatos. A memória da existência de Tizangara repousa, então, num europeu que nunca compreendeu a realidade africana mesmo a tendo vivenciado, um africano em busca do reencontro com suas raízes e o ancião, detentor do passado, das tradições, da história e da sabedoria africana.

Ele puxou da folha do relatório que acabara de redigir para as Nações Unidas. Fazia o quê? Dobrava e cruzava as dobras. Fazia um pássaro de papel. Esmerou no acabamento, e depois levantou-se e o lançou sobre o abismo. O papel rodopiou no ar e planou, pairando quase fluvialmente sobre a ausência de chão. Foi descendo lento, como se temesse o destino das profundezas. Massimo sorria, em rito de infância. Me sentei, a seu lado. Pela primeira vez, senti o italiano como um irmão nascido na mesma terra. Ele me olhou, parecendo me ler por dentro, adivinhando meus receios. - Há-de vir um outro - repetiu. Aceitei a sua palavra como de um mais velho. Face à neblina, nessa espera, me perguntei se a viagem em que tinha embarcado meu pai não

teria sido o último voo do flamingo. Ainda assim, me deixei quieto, sentado. Na espera de um outro tempo. Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo. (COUTO, 2000, p.78)

Os traços da realidade dos povos colonizados convivem com sua imaginação, num constante diálogo entre o real e o imaginário. Em Mia Couto, o mundo real é representado através da construção do mundo fictício.

### **3.4 O desregramento da linguagem em António Emilio Leite Couto e João Guimarães Rosa: o português moçambicano em “O último voo do flamingo” e o português brasileiro em “Grande sertão: veredas”.**

#### **3.4.1 O léxico**

Ferraz (2010), ao resenhar “O último voo do flamingo” observa que Mia Couto constroi sua narrativa apoiando-se em três pilares: as línguas nativas moçambicanas, a língua portuguesa e o português moçambicano. Sua linguagem foge aos padrões e traz a marca da oralidade africana.

No trabalho com a linguagem realizado pelo escritor mineiro João Guimarães Rosa e pelo moçambicano Mia Couto, reside a marca da identidade do fazer literário de dois dos grandes escritores da literatura de expressão em língua portuguesa. A transgressão do código linguístico presente em ambos os autores ocorre em nome da criatividade e da expressividade, da ênfase à oralidade, da busca de uma humanidade verdadeira e original, não assimilada pela cultura imposta pelo colonizador comum. (MORAIS, 2006, p.01)

O escritor mineiro João Guimarães Rosa (1908 - 1967) e Mia Couto utilizam a tradição oral como fio condutor de suas narrativas, retornam ao passado para recriar lendas, mitos, ritos, provérbios e chistes. Inúmeros são os aspectos de semelhança entre os projetos estéticos dos dois autores, como a oralidade, linguagem recriada e neologismos, os excluídos como personagens principais, sincretismo religioso, narradores oriundos das tradições orais. Unem-se a tais aspectos, o colonizador em comum e as marcas que este deixou, a luta pela libertação da situação de colônia da metrópole portuguesa, as cicatrizes deixadas pelo escravismo. Ambos colocam em

suas obras a preocupação com sua nação e inovam a tradição literária de suas épocas (CHAGAS, 2006, p.13-24).

Rosa, na década de 1930, surge em momento no qual vigoravam a literatura regionalista ou neo-naturalista, a narrativa de cunho social e a reportagem ou estudo sociológico. Couto, elabora sua obra na década de 1980, poucos anos após a independência de Portugal, período de guerra civil em Moçambique e produção literária intrinsecamente política, revolucionária e regionalista. (BUENO, 2001, p.251).

Antonio Candido em seu ensaio “A nova narrativa” (1989, p.207) coloca que, em Rosa, o regionalismo foi sintetizado e tornado universal. Liberto da estética literária de sua época, realismo, determinismo e neo-naturalismo, com influência do pensamento positivista de Auguste Conte, João Guimarães Rosa cria, tendo a língua portuguesa como instrumento, um universo ficcional retratado em linguagem poética. A escritura rosiana situa-se na intersecção entre o arcaico e o moderno. (CHAGAS, 2006, p.50). Rosa se disse um “reacionário” da língua portuguesa. Couto seria, então, um “revolucionário”. Ambos realizam intervenções no código linguístico. Enquanto a frase rosiana é elaborada, em grande parte, sem observar um fio condutor gramatical definido, apenas anunciando uma direção de sentido e constituindo um intenso fluxo verbal, a de Couto apresenta características sintáticas e uma previsão de sentido. Os dois autores procuram traduzir a condição humana através da linguagem. (MORAIS, 2006, p.03)

Todo projeto estético é em si um projeto ideológico e este estudo optará por compreender ideologia como mundividência e acatar a definição de Mata (1992, p.11-18), no qual mundividência constitui um sistema de valores morais, éticos, sociais, culturais, metafísicos, valores de imagem e representação que uma comunidade utiliza para interpretar o mundo em que vive e orientar sua ação na História. Nas Literaturas de Brasil e Moçambique é comum a temática da recriação das tradições, preocupação esta presente em Rosa desde “Sagarana” e “Grande sertão: veredas”. A simetria entre Rosa e Couto pode ser percebida no processo de construção da narrativa, na desconstrução e reconstrução da linguagem, no apego ao arcaico e ao tradicional, constituindo aspectos de formação cultural do povo brasileiro, no caso de Rosa e moçambicano, no caso de Couto. O

espaço físico em Rosa e Couto constitui, em si mesmo, uma personagem marcante. Os demais regionalistas do momento literário de Guimarães Rosa, incorporam a seus textos apenas o léxico regional. Mas Rosa dedica à linguagem regional uma recriação elaborada a partir dos aspectos típicos da oralidade da linguagem da região em que a narrativa transcorre. Couto e Rosa criam palavras novas, recuperam o significado de outras, emprestam termos de línguas estrangeiras, estabelecem relações sintáticas surpreendentes. No caso de Mia Couto, a verdadeira ‘língua estrangeira’ seria a língua portuguesa. (CHAGAS, 2006, p.13-24).

O sertão de Guimarães Rosa, simboliza o próprio universo, assim como a Moçambique de Mia Couto. Riobaldo, em “Grande sertão: veredas” presenteia o leitor com sua sabedoria empírica: “O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem (...) O sertão está em toda a parte.” Mais do que geográfica, a terra em Mia Couto e em Guimarães Rosa personifica a realidade social, política, histórica e psicológica.

Admirador de Guimarães Rosa, Mia Couto demonstra a influência dos recursos de linguagem utilizados pelo escritor brasileiro: renovação e reinvenção da linguagem regionalista, criação de neologismos, empréstimos de palavras em outros idiomas que não a língua portuguesa, exploração de estruturas sintáticas, ritmo, aliterações, metáforas, imagens para criação de uma prosa mais poética, linguagem elaborada, recuperação do significado das palavras, espaço geográfico representando o universo, contestação da tradicional concepção da realidade, indeterminação, linguagem como um fato real. (CAVALCANTI, 2006)

Ramos (1994, p.242) analisa a linguagem de João Guimarães Rosa e comenta:

Este doloroso interesse de surpreender a realidade nos mais leves pormenores induz o autor a certa dissipação naturalista. (...) A arte de Rosa é terrivelmente difícil. Esse anti-modernista repele o improvisado. Com imenso esforço recolhe palavras simples e nos dá imoção de vida numa nesga da caatinga, num gesto de caboclo, uma conversa cheia de provérbios matutos.

Baccega (1995) estabelece o caráter dinâmico da língua e sua condição de contempladora de movimento e conflito:

A língua não é apenas um instrumento com a finalidade de transmitir informações. É um todo dinâmico que abarca o movimento da sociedade: por isso, é lugar de conflitos. Esses conflitos se “concretizam” nos discursos. Neles, as realizações linguísticas trazem inscritas as diferenças de interesses, as propostas de direções diversas para o mesmo processo histórico. (BACCEGA, 1995, p.48)

Para Carreiro (2008), o leitor das obras de Mia Couto é fispado pela fascinante linguagem, a qual constitui um diferencial linguístico e literário dentro da língua do colonizador. Não apenas em João Guimarães Rosa inspira-se Mia Couto, mas no irlandês James Joyce, no argelino Kateb Yacine e no angolano José Luandino Vieira. Carreiro analisa a linguagem do autor e coloca que Mia Couto explora o potencial das estruturas da língua portuguesa europeia, mesclando-a com a oralidade das línguas africanas, especialmente o ronga, e os aspectos da fala popular. A língua literária de Mia Couto contribui para o desenvolvimento de uma norma moçambicana, ou do português moçambicano. Na percepção de Carreiro, o ancestral imaginário fantástico do africano forma o contexto social da obra, um realismo mágico, enquanto o autor descreve detalhadamente ambientes físicos, personagens e acontecimentos através da imaginação popular. O humor é tecido entre as intrigas, as situações inusitadas, os nomes das personagens, a narrativa, a linguagem, retirando das tragédias o seu aspecto dramático e utilizando-as como instrumento de crítica social, ideológica e política.

Rama em “Literatura e Cultura na América Latina” (2001, p.268) tece considerações a respeito do posicionamento hierárquico existente entre a língua do escritor e a língua da personagem popular:

A que antes era a língua das personagens populares e, dentro do mesmo texto, se opunha à língua do escritor ou do narrador, inverte sua posição hierárquica: em vez de ser a exceção e de singularizar o personagem submetido ao esquadramento do escritor, passa a ser a voz que narra, abrangendo assim a totalidade do texto e toma o lugar do narrador, manifestando sua visão de mundo. Mas não imita simplesmente um dialeto, usando formas sintáticas ou léxicas que lhe pertencem dentro de uma língua coloquial esmerada.

Mia Couto declarou em entrevista à Maria João Avilez do programa 'Conversa afiada' , episódio quarenta e três, produzido e televisionado entre 2001 e 2003 pela SIC (Sociedade Independente de Comunicação) de Portugal que, por si mesma, a

língua portuguesa não consegue transmitir a realidade africana, precisando ser trabalhada, traduzindo assim uma outra percepção do mundo e da vida.

Laranjeira (1993) destaca alguns exemplos da criatividade com que o autor elabora a linguagem: “homenzarrou”, “depressou-se”, “fantasiática”, “carinhenta”, “esteirados”, “rebulir”, “estremungado”, “tropousar”, “manifestivo”, “estremexendo”, “nuventanias”, “febrilhante”, “deslembra”, “sozinhidão”, “pertubabado”, “gesticalada”, “irmãodade”, “exuberrante”, “inutensílio”, “tintintilar”, “entrequando”, “esmãozinhado”, “exatamesmo”, “convidançante”, “mancha-prazeres”, “embriagordo”, “veementindo”, “atordoído”, “titupiante”, “inaposento”, “administraidor”, “todos partiram, um após nenhum”, “o colar que foste dada”, “nem isto guerra nenhuma não é”, “parece está aqui enquanto nem”, “o lugarzinho no enquanto”, “quanto tempo demora o tempo”, “a escuridão nos faz nascer muitas cabeças”, “no fundo da latrina não pode haver guerra limpa”, “o homem é como a casa: deve ser visto por dentro” .

A inovação lexical observada nas obras de Mia Couto reafirma a concepção linguística de que a língua evolui constantemente, é dinâmica, um produto social nunca concluído, heterogênea, múltipla, variável, instável, em contínuo processo de desconstrução e reconstrução (BAGNO, 2007, p.140).

Tenho conseguido reascender da infância usando uma língua que também está em estado de infância, que não está acabada. Quando consigo isso, passo a ter um pensamento mais criativo, passo a ter uma relação com o mundo. Como se o mundo ainda estivesse em fabricação e eu pudesse brincar com ele. (COUTO, Entrevista ao Jornal Mil Folhas, publicada em 28/09/02)

Carreiro (2008) salienta várias formas de criação de palavras observadas na língua literária de Mia Couto:

- a) Prefixação, como em “refaleceu” ou “desressuscitado”.
- b) Dupla-prefixação, “desenfeitiçar”, por exemplo.
- c) Modificação de um prefixo: “descaminhar” ao invés de desencaminhar.
- d) Troca de prefixos com manutenção do sentido: “inavergonhada”, no lugar de desavergonhada.
- e) Amálgama (cruzamento, *blending* ou contaminação): jogos de palavras, recursos estilísticos (pleonasmos e metáforas), adicionando sentidos ao sentido

original da palavra, transformando-a em uma pequena estória.

Carreiro explica a concepção de Mateus (1990), que não considera amálgama um processo clássico de formação de palavras, mas um processo de invenção de novos vocábulos e significados da língua, a exemplo da acronímia, a abreviatura, o empréstimo ou a extensão metafórica. O amálgama resultaria então da modificação de palavras existentes, “[...] não é possível predizer as condições em que surgem, nem a forma que tomam, nem o significado que adquirem [...]” (MATEUS ET AL, 1990: 414-415).

A sobreposição de sílabas homófonas na combinação de palavras de diferentes classes gramaticais, cria unidades reconhecíveis além de prefixos e sufixos. Um exemplo citado por Carreiro é “arrumário”, constituído do verbo arrumar e do substantivo comum armário entre outros como “cabritoreava”, “chamarisco”, “compaixonasse”, “fosfogénico”.

Matusse na dissertação de mestrado “A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungalani Ba Ka Khosa” (1993) reconhece sete formas de desvio ou de subversão da língua portuguesa em Mia Couto, tanto no nível morfosintático quanto semântico, facilmente identificáveis e que não prejudicam a compreensão dos enunciados:

- Criação de neologismos a partir de vocábulos da língua portuguesa e das línguas bantas moçambicanas: “covar”, “barulhar”, “bichar”, “depressar”.
- Formação de palavras através de aplicação de prefixos “des” ou “in”.
- Formação de adjetivos ou substantivos por aglutinação para atribuir-lhes duplo sentido: “voluminoso” (volumoso + luminoso), “brincriações” (brincadeiras + criações).
- Formações de adjetivos através da substituição do prefixo: “sobremisso”, ao invés de submisso.
- Formação de palavras através da adaptação de termos bantos às regras da língua portuguesa (morfologia ou fonologia): “kulimando”, “xicunlunguelando”.
- Corruptelas de palavras da língua portuguesa: “poleirado” (empoleirado, “sustou” (assustou).
- Importação de termos provenientes de línguas bantas moçambicanas: “congolote”, “mussodja”.

Mia Couto utiliza a língua portuguesa como instrumento de construção do conceito de moçambicanidade, de quem é considerado o inventor. (MACÊDO; MAQUÊA, 2004, p. 28). Seus diálogos são repletos de provérbios e falas populares, caracterizando a forte presença da cultura oral africana. A linguagem é o instrumento com o qual Mia Couto encanta seus leitores, sendo ela mesma uma personagem de suas obras. A surpresa é elemento fundamental. “[...] há este mosaico, não tanto de raças, mas de culturas, a culturas que estão a marcar parte de uma coisa e ainda só um projecto: a moçambicanidade”. (entrevista a Mia Couto in Público, 17-7-1990)

O trabalho cuidadoso com a língua portuguesa está também na obra do escritor moçambicano conhecido mundialmente, considerado o poeta maior de Moçambique, José Craveirinha tornou-se, em 1991, o primeiro autor africano a receber o Prêmio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa. José Craveirinha declara-se obrigado a utilizar a língua portuguesa como instrumento:

Eu oiço falar em língua como instrumento de. Nosso instrumento de. Mas para mim há outra face da questão: sermos nós a dominar a língua, de maneira a que ela não nos instrumentalize. O resto são formas de expressão. É só ver de quantas línguas se compõe a língua portuguesa: arabismos, anglicismos, galicismos, de quantas línguas? Qual é o meu escrúpulo de a utilizar? Não tenho escrúpulo nenhum porque não tenho outra alternativa. Não me deram outra alternativa. (Craveirinha apud Saúte, 1990).

Mia Couto em seu artigo “Perguntas à língua portuguesa” (1997) afirmou que língua que cria é rápida, move-se ao vento mas sem sair do chão; é artesanal, plástica e fugidia à gramática. Não apenas linguistas e escritores reinventam a língua, mas cada pensamento novo que produzimos o faz.

Para Figueiredo (2002), a criatividade linguística de Mia Couto surpreende o leitor desavisado e, a cada parágrafo de “O último voo do flamingo”, um novo léxico se descortina:

- junção de palavras por sua fonia e sílabas comuns - “ocavidades” ( p.37); “pedinchorão” (p.103); “balbulício” (p.125); “timiudinho” (p.183); “trejeitoso” (p.174).

- duas palavras, conflituosas ou não, mas que, juntas, criam um novo sentido, de decodificação simples para o leitor: “atopilada” (p.17); “cancromida” (p.41); “ondarilhando” (p.52); “cabisbruto” (p.67); “cabritoteava” (p.70).

- antonomínia na criação de novos enunciados: “mudam os tempos, desmudam-se as vontades” (p.50); “digna de descrédito” (p.127); “dos pés ao cabelo” (p.139).

adjetivação: “manteigoso” (p.77); “mautrapilhoso” (p.78); “excelenciosos” (p.99); “artimanhoso” (p.108);

- sufixação de verbos: “vocabuliam-se” (p.17); “instantaneavam-se” (p.17); “labirintoar” (p.19); “metafísicou” (p.28).

Os novos léxicos e os consequentes novos conceitos que deles são advindos, têm sentido apenas dentro do contexto mágico da obra de Mia Couto. Seu discurso literário repleto de particularidades constitui uma adaptação da língua portuguesa à realidade da vida de Tizangara, conforme observa Figueiredo (2002).

Segundo Silva (2010), a escrita desarrumada de Mia Couto e a reconstrução linguística encontrada em seus textos refletem os diálogos que o mesmo mantém com a obra de Guimarães Rosa. Os desvios linguísticos observados são parte da forte presença da oralidade moçambicana, constituindo uma língua portuguesa de feições africanas. A marca da linguagem de Mia Couto é o uso de expressões de origem *bantu*. Pela escrita de Mia Couto, a mesma língua que oprimiu torna-se o caminho da libertação.

Analisando a linguagem de Guimarães Rosa, Martins (2000), destaca os seguintes processos de formação de palavras:

- Utilização de sufixos para intensificação semântica: “oso” como em “redondoso”;
- Amálgama: “adormorrer” (adormecer + morrer);
- Formação de verbos através da sufixação: “cachorrar”;
- Duplicação de radical: “brisa” como em “brisbrisar”;
- Fusão de dois termos, criando um terceiro: “engenhingonça”, “ensimesmudo”, “sussuruído”, “coraçõemente”, “infinilhões”;
- Derivação sufixal: “justinhamente”;
- Criações onomatopaicas: “grugulejou”, “gruziou”, “gluglo”;

O trabalho literário de Guimarães Rosa e de Mia Couto tem sido fruto de vários trabalhos acadêmicos, num processo significativo de convergência de estilos e mensagens. Mia Couto reconheceu tais convergências publicamente inúmeras

vezes. Em sua palestra ministrada em 2004 por sua nomeação como correspondente da Academia Brasileira de Letras, “O sertão brasileiro na savana moçambicana”, Mia Couto esclarece que foi pela obra rosiana que descobriu ser possível recriar literariamente um universo caracterizado por estratos sociais e culturais contrastantes, através da linguagem poética. Reconhece-se a ligação entre a literatura de ambos os autores, como reforçadoras do intercâmbio entre as literaturas de expressão em língua portuguesa, aproximando Rosa dos leitores moçambicanos (e africanos, em geral) e Couto, dos leitores brasileiros (MARTIN, 2010, p.68-74)

Uma leitura detalhada da obra de João Guimarães Rosa, “Grande sertão: veredas” revelou um léxico que muito bem representa o trabalho linguístico do autor. Abaixo segue tabela com alguns exemplos do léxico em “Grandes sertões: veredas” e em “O último voo do flamingo” e os respectivos processos de formação de palavras utilizados pelos autores.

“GRANDES SERTÕES: VEREDAS”		“O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO”
LÉXICO	PROCESSO FORMADOR DA PALAVRA	LÉXICO
Campear; vermelhavam; fantasiação	Alteração de classe gramatical	Labirintoar, agradista, vocalizam-se.
Descarnados	Prefixação	Desiluminada; desmertriz.
Desenormes	Prefixação para intensificação do sentido	Desfarrapo
Desfeliz	Alternância de prefixos “in” e “des”	Inacreditei
Docice; custante; pureza	Substituição do sufixo	Administratriz
Encaveirada	Prefixação e sufixação para formação de adjetivo a partir do substantivo	Acachorrado

Erroso	Corruptela de palavras de língua portuguesa	Suspeitoso
Estranhez	Corruptela de palavras de língua portuguesa	Requebrosa

### 3.4.2 Ditos populares e provérbios, do sertão de Minas Gerais à Tizangara.

A exemplo do trabalho com o léxico, Couto e Rosa exercitam sua criatividade em ditos populares e provérbios. Segundo Marquezini (2006), provérbios são enunciados característicos de culturas de tradição oral, memorizados e prontos para serem resgatados pelos falantes da língua. Em tais culturais, questões sociais costumam ser resolvidas pela aplicação de provérbios e ditos, os quais refletem conhecimento ou experiência vivenciada e enunciada com léxico, sintaxe e estilo trabalhados.

#### 3.4.2.1 Ditos populares e provérbios identificados em “O último voo do flamingo”

“O que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram”. (COUTO, 2005, p.3)

“Os amados fazem-se lembrar pela lágrima. Os esquecidos fazem-se lembrar pelo sangue.” (COUTO, 2005, p.4)

“O mundo não é o que existe, mas o que acontece”. (COUTO, 2005, p.5)

“O que não se pode florir no moemnto certo, acaba explodingo depois”. (COUTO, 2005, p.7)

“Saudade de um tempo? Tenho saudade é de não haver tempo”. (COUTO, 2005, p.12)

Uns sabem e não acreditam. Esses não chegam nunca a ver. Outros não sabem e acreditam. Esses não veem mais que um cego. (COUTO, 2005, p.20)

### **3.4.2.2 Ditos populares e provérbios identificados em “Grande sertão: veredas”.**

“Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E alegria de amor – compadre meu Quelemém diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... “(ROSA, 1956, p.12)

“Para ódio e amor que dói, amanhã não é consôlo”. (ROSA, 1956, p. 231)

“Mas tem um porém: pergunto: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? Não, não é não? Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de tôda boa confirmação”. (ROSA, 1956, p.22)

“Vi: o que guerreia é o bicho, não é o homem” (ROSA, 1956, p. 417)

“Jagunço amolece, quando não padece” (ROSA, 1956, p. 223)

“Quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio, será não?” (ROSA, 1956, p. 11).

“Bananeira dá em vento de todo lado. Homem? É coisa que treme” (ROSA, 1967: 118);

“Criatura gente é não e questão, corda de três tentos, três tranços” (ROSA,

1956, p.32);

“O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (ROSA, 1956, p.20-1).

### **3.5 “O último voo do flamingo” e “Grande sertão: veredas”: pontos de intersecção entre Mia Couto e João Guimarães Rosa nos aspectos históricos e sociais das respectivas obras. A Literatura como instrumento de formação da identidade nacional.**

Médico e diplomata, o mineiro João Guimarães Rosa (Cordisburgo, 27 de junho de 1908 — Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1967), exerceu medicina no interior do estado de Minas Gerais, por onde viajou em dezembro de 1945 e em maio de 1952, seguindo um grupo de vaqueiros. É o terceiro ocupante da cadeira 2, eleito em 6 de agosto de 1963, na sucessão de João Neves da Fontoura e recebido pelo acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco em 16 de novembro de 1967. Publicado em 1956 pela Livraria José Olympio Editora do Rio de Janeiro, durante o primeiro ano do governo Kubitschek, “Grande sertão: veredas” traz à luz problemas cruciais da história do Brasil num momento de mudanças significativas no país, sobressaltos na política institucional, como a Revolução de 1930 e o fim do Estado Novo, modernização industrial e consequentes novos parâmetros para as relações sociais. (CORPAS, 2008, p.264)

A formação nacional e o projeto de uma nação brasileira eram o foco não apenas da literatura de João Guimarães Rosa mas também de outros estudiosos que, cada um em seu campo, entre 1930 e 1950, esmiuçou a vida social, política, econômica e literária no Brasil. Como resultado, foram produzidas obras hoje consideradas clássicas:

- “Casa grande e senzala”, Gilberto Freyre, 1933;
- “Raízes do Brasil”, Sérgio Buarque de Holanda, 1936;
- “Formação do Brasil contemporâneo”, Caio Prado Jr, 1942;

- ‘Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro’, Raymundo Faoro, 1958;
- ‘Formação econômica do Brasil’, Celso Furtado, 1959;
- “Formação da literatura brasileira”, Antonio Candido, 1959.

Além de “Grande sertão: veredas”, as seguintes obras de João Guimarães Rosa foram publicadas:

- 1936: “Magma”
- 1946: “Sagarana”
- 1947: “Com o vaqueiro mariano”
- 1956: “Corpo de baile”
- 1956: “Grande sertão: veredas”
- 1962: primeiras estórias”
- 1964: “Campo geral”
- 1965: “Noites do sertão”
- 1967: “Tutaméia – terceiras estórias”
- 1969: “Estas estórias” (póstumo)
- 1970: “Ave, palavra” (póstumo)
- 2011: “Antes das primeiras estórias” (póstumo)

A obra de Mia Couto, tanto quanto a de João Guimarães Rosa, rompe com o ideal europeu de civilização, denuncia problemas na base da formação de suas nações, desmascara as estratégias políticas prejudiciais ao povo e realiza um releitura intensa de seus países. Ambos os autores criam um mundo em que o fantástico explica a realidade e a linguagem vigorosamente oral dá suporte à magia deste universo peculiar. (CORPAS, 2008, p.266).

Estudiosos de diferentes áreas já se debruçaram sobre a obra de Rosa e abaixo, cita-se as palavras de alguns deles:

Para a historiadora Heloísa Starling, é “como se Guimarães Rosa desejasse indicar que continua truncada, na formação nacional brasileira, a oportunidade política da emancipação e o sentimento de comunidade” (1999, p. 18); o relato de Riobaldo parece-lhe “uma história de fim de mundo sobre uma terra que, se já perdeu o tempo, ainda conserva a esperança de reconhecer passagens em meio às ruínas de sua história” (1996, p. 16). Segundo Willi Bolle, o romance trata do “sério entrave para a plena

emancipação do país” que é a “falta de diálogo social” – “A dificuldade da formação de uma cidadania para todos é expressa também através da forma de um *texto difícil*”, que funciona como laboratório da conversa entre os donos do poder e o povo, assim “fazendo entrever amplas possibilidades históricas de transformação” (2004, p. 17-45). Luiz Roncari vê nas três primeiras obras de ficção do escritor configurar-se uma visão de nossa formação político-social traçada do ponto de vista do “conservadorismo crítico”, que propõe “a harmonização das forças contrárias, como modo de solução” pautado sobretudo pelo ideário de Alberto Torres, Alceu Amoroso Lima e Oliveira Vianna (2004, p. 20-24). José Antônio Pasta Jr. detecta no romance de Rosa a “má infinidade” própria da “contradição insolúvel e central que singulariza o Brasil”; o “regime peculiar ao livro – o da formação como supressão” atualiza “o modo de produção que diz respeito à nossa formação histórica”, na qual não se superou a “junção contraditória de formas de relações interpessoais e sociais que supõem a independência ou a autonomia dos indivíduos e sua dependência pessoal direta” (1999, p. 67-70). (CORPAS, 2008, p.265)

Mia Couto explora a natureza humana e sua relação com a terra, transformada em personagem pulsante que precisa ser compreendida e reencontrada. É impossível desentrelaçar a obra de Mia Couto do seu contexto moçambicano, como em “Grande sertão: veredas”, no qual o conceito de sertão alia-se ao projeto literário de João Guimarães Rosa: a afirmação da nacionalidade. Para Starling (2008), o termo derivado do aumentativo *desertão*, muito utilizado na África e na América do Sul, representa a problemática brasileira da fundação nacional a partir de seus contornos, margens e confins e os dilemas de nossa formação histórica e social. O sertão de Rosa personifica o Brasil que ainda não encontrou seu lugar, ao mesmo tempo universal e particular, cidade e interior, moderno e arcaico, autônomo e dependente, miserável e rico, entre a república e a corrupção, desigualdades e democracia. Ambos detalham as ruínas, os fragmentos e detritos das políticas administrativas de seus países. No Brasil, os não aproveitados e descartados pelo desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek de Oliveira: vaqueiros, tropeiros. Jagunços, garimpeiros, romeiros, roceiros, caipiras, prostitutas, índios, velhos, mendigos, loucos, doentes, aleijados, idiotas, desamparados, miseráveis. Farrapos. Lixo. Gente anônima e insignificante. Simples e obscura. É a fala de Estevão Jonas em “O último voo do flamingo” que confirma a similaridade entre os descartados brasileiros e moçambicanos:

São pretos, sim, como eu. Contudo, não são da minha raça. Desculpe, Excelência, pode ser eu seja um racista étnico. Aceito. Mas esta gente não me comparece. Às vezes, até me pesam por vergonha que tenho neles.

Trabalhar com as massas populares é difícil. Já nem sei como intitular-lhes: massas, povo, populações, comunidades locais. Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada. (COUTO, 2000, p.35)

Couto e Rosa são arrojados em suas propostas de repensar seus respectivos países; propostas estas que se desdobram na linguagem, ponto de resolução de conflitos. (Starling 2008).

Bolle (2004, p.17) avalia que em “Grande sertão: veredas” o contato entre cultura letrada e cultura não-letrada é um problema estrutural antigo e atual do Brasil; ausência de um verdadeiro diálogo entre os donos do poder e o povo. A nação dilacerada convém à administração política. (CORPAS, 2008. p.279-283).

## 4 CONCLUSÃO

Em entrevista concedida a “Ler. Livros e Leitores” (2002) Mia Couto comentou:

“[...] em Moçambique, de facto, nem todos falam português como se pensa. Há três por cento de moçambicanos que nem falam o português, só falam a língua materna. E dos outros, aí uns quarenta por cento falam o português como segunda língua. Por isso, quando se fala de lusofonia e se diz que somos todos iguais, dito dessa maneira não se percebe que há culturas em Moçambique que não têm nenhuma relação com a língua portuguesa e que vão ficar completamente excluídas [...]”

Muitos são os aspectos comuns entre Mia Couto e João Guimarães Rosa que superam aquele mais facilmente observável: o delicado e minucioso trabalho com a linguagem. Retirada a cama linguística, a mais superficial, “O último voo do flamingo” e “Grande sertão: veredas” descortinam conteúdo histórico, social, político, afetivo e psicológico, rido e surpreendente.

Analisar ambas as obras limitando-se à superfície linguística implica na perda de importantes elementos para a compreensão não apenas dos universos de Tizangara e do sertão mineiro, respectivamente, mas também do projeto de edificação dos autores, comprometidos com a formação nacional de seus povos. As prosas poéticas de Couto e de Rosa são impregnadas de críticas ao colonizador português e às políticas administrativas de suas épocas, denúncias de preconceito e desigualdades sociais, contrastes, misticismo e tradições.

É inegável a contribuição do trabalho do escritor moçambicano lusodescendente António Emilio Leite Couto neste novo momento do continente africano, após a colonização europeia e a guerra civil. A escrita de Mia Couto, fecunda e revigorante, possibilita que o mundo tome conhecimento de uma África produtora de cultura, com histórias para contar; uma África que se descobre e se redescobre. Uma África que ressurgiu. O mundo. E a África? O projeto literário de Mia Couto, a moçambicanidade, está ao alcance dos moçambicanos assim como está o projeto literário de Guimarães Rosa para os brasileiros?

O Brasil de Rosa, quando do lançamento de “Grande sertão : veredas” vivia o primeiro ano do governo JK, de 1956 a 1961, cujo lema era “50 anos em 5”. Foi instituído o “Plano de metas”, que promoveu o desenvolvimento em diversas áreas como transportes, alimentação, indústria de base e educação. Foi em seu governo que ocorreu a construção de Brasília, um intenso crescimento econômico, diminuição do analfabetismo, aumento da expectativa de vida de 46 anos (1950)

para 52 anos (1960) e a entrada ds multinacionais na economia brasileira (Volkswagen, Willys, Ford e General Motors).

Na Moçambique de Mia Couto, o artigo 10 da nova Constituição , de 2004, diz que "Na República de Moçambique, a língua portuguesa é a língua oficial". Contudo, de acordo com o Recenseamento Geral da População e Habitação, realizado em 1997, a língua portuguesa é língua materna de apenas 6% da população. Na cidade de Maputo, 25% dos habitantes tem o português como língua materna e em toda a Moçambique foram identificadas diversas línguas nacionais, todas da grande família de línguas bantu, sendo as principais (de sul para o norte): Xi Tsonga, BiTonga, XiChope, XiSena, XiShona, eChuwabo, eMacua, eKoti, eLomwe, e Lomwe, CiNyanja, ciYao, XiMaconde e kiMwani.

Membro da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), Moçambique tem 21.284.701 habitantes e ocupa o último lugar na lista de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) entre as nações lusófonas. O IDH de Moçambique está em 0,322, enquanto o de Portugal é de 0,809, Brasil 0,718 e Timor-Leste, 0,495.

A esperança de vida para os moçambicanos é de 42,1 anos e a taxa de mortalidade infantil, 38,7%, colocando o país em 2º lugar entre os demais da CLPL para este quesito. De acordo com divulgação do Ministério da Educação de Moçambique (2012), cerca de 60,5% da população de Moçambique é analfabeta, o que situa o país acima da média da África Austral para este índice (43,1%). Segundo a mesma fonte, 74,1% das mulheres africanas nunca foram à escola.

Dados publicados pelo Ministério da Educação de Moçambique afirmam que em 1998, o país contava com 6.495 escolas primárias, 84 escola de ensino secundário. Conforme dados da UNICEF, há em Moçambique 30.513 professores para uma população pouco acima de 21 milhões de habitantes. Abaixo do limiar da pobreza estão 57% dos moçambicanos. Fechando o quadro de estatísticas de Moçambique, apenas 38,7% de seus habitantes são alfabetizados.

O quadro elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e publicado no Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 confirma os dados estatísticos dos parágrafos acima e demonstra índices não mencionados até o momento neste estudo, como a taxa de esperança de vida à nascença e o índice do PIB, entre

outros também importantes para corroborar a hipótese proposta neste estudo.

Para o professor de Literatura, Francisco Noa (2012), em Moçambique os lançamentos de livros camuflam uma realidade ainda nada promissora. Poucos são os consumidores de livros no país e dos que os compram, poucos os lêem. O pouco apego dos moçambicanos à leitura, segundo Noa, decorre da falta de meios financeiros para adquirir os livros, mas também da falta de hábito de leitura. Ele afirma não haver dados sobre os livros publicados em Moçambique, a eficiência das feiras de livros, tampouco sobre a distribuição dos livros escolares.

No Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 da Organização das Nações Unidas (ONU) podem ser verificados índice de pobreza humana, probabilidade à nascença de não viver até aos 40 anos e população abaixo da linha da pobreza.

Analisando todos os índices listados aqui, consolida-se a dúvida sobre quem, em Moçambique, tem acesso às obras de Mia Couto. Quem, em Moçambique, é parte do movimento de criação da identidade cultural moçambicana? Para quem se desenvolve o conceito de moçambicanidade? A obra de Mia Couto, o português moçambicano, seu trabalho com a língua portuguesa, a convivência do fantástico africano com os aspectos ocidentais, realmente participam da criação da identidade cultural moçambicana? Fora dos meios intelectuais, estão os moçambicanos engajados no processo de redescoberta cultural tão bem representado nas obras de Mia Couto?

Os dados explicitados no Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 da Organização das Nações Unidas (ONU) constituem argumento de prova concreta que confirma a hipótese especificada na introdução deste estudo sobre demonstrar que o conceito de moçambicanidade criado por Mia Couto e intensamente trabalhado em suas obras está acessível majoritariamente a leitores não moçambicanos. O mundo não africano pode tomar conhecimento da atual produção cultural de Moçambique, mas não o povo da República de Moçambique. Não ainda.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, Benjamin. Literatura, história e política: Literaturas de língua portuguesa no século XX. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2007.

ALMEIDA, Sílvia Feola Gomes. Ética e política: as virtudes em Aristóteles. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2010. Disponível em <[www.bv.fapesp.br](http://www.bv.fapesp.br)>. Acessado em: 13/06/2012.

ANDRADE, Letícia Pereira de. Alguns voos em “O último voo do flamingo”. Revista África e Africanidades. Ano I, nº 2, 2008. Disponível em: <[www.africaeaficanidades.com](http://www.africaeaficanidades.com)>. Acesso em: 24 de agosto de 2012.

BACCEGA, Maria Aparecida. Palavra e discurso: literatura e história. São Paulo: Ática, 1995.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. 15 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

BOLLE, Willi. grandesertão.br: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2004.

BOURNNEUF, Roland; Ouellet, Real. O universo do romance. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.

BUENO, Luís. Guimarães, Clarice e antes. In.Teresa revista de literatura brasileira. nº2. São Paulo: USP/Ed.34.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

2006.

CARREIRO, José. Mia Couto. Plataforma de Apoio ao Estudo da Língua Portuguesa no Mundo, 2008. Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt>> Acesso em: 5 de julho de 2012.

CARVALHO, Rui Moreira de. Compreender Africa: teorias e práticas de gestão. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005.

CAVALCANTI, Jardel Dias. Guimarães Rosa: linguagem como invenção. 2006. Disponível em: <[www.digestivocultural.com/colunista/coluna.asp?codigo=1889&titulo=guimaraes\\_rosa\\_linguagem\\_como\\_invencao](http://www.digestivocultural.com/colunista/coluna.asp?codigo=1889&titulo=guimaraes_rosa_linguagem_como_invencao)> Acesso em: 5 de julho de 2012.

CHAGAS, Sylvania Núbia. Nas fronteiras da memória: Guimarães Rosa e Mia Couto, olhares que se cruzam. Universidade de São Paulo, 2006.

CORPAS, Danielle. Grande sertão: veredas e formação brasileira. Revista da ANPOLL/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Brasília, DF: ANPOLL, 2008. Disponível em <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/28/15>>. Acesso em: 9 de junho de 2013.

MATA, Inocência. Reflexões em torno do conceito de literatura colonial. Haverá um estética colonial?. In: Pelos trilhos da literatura africana em língua portuguesa. Pontevedra/Braga: Cadernos do Povo.

COUTO, Mia. A chuva pasmada. Maputo: Nadjira, 2004.

\_\_\_\_\_. A varanda de Frangipani. Lisboa: Caminho, 2001.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

- \_\_\_\_\_. Cada homem é uma raça. Lisboa: Caminho, 1990.
- \_\_\_\_\_. Contos do nascer da terra, Lisboa: Caminho, 1997.
- \_\_\_\_\_. Conversa afiada. Ep.0043. SIC – Sociedade Independente de Comunicação. 2011. Disponível em: <[sic.sapo.pt/beta-arquivo-sic/2011/06/27/conversa-afiada-2001-2003](http://sic.sapo.pt/beta-arquivo-sic/2011/06/27/conversa-afiada-2001-2003)>. Acesso em: 23 de maio de 2012.
- \_\_\_\_\_. Cronicando. Lisboa: 1998.
- \_\_\_\_\_. Ler.Livros e Leitores. Nº 55, junho/Setembro de 2002. Lisboa: Círculo de Leitores, p.56.
- \_\_\_\_\_. Estórias abensonhadas. Maputo: Nadjira, 1998.
- \_\_\_\_\_. Língua Portuguesa: cartão de identidade moçambicana. Conferência internacional sobre o serviço público de rádio e televisão no contexto internacional: a experiência portuguesa no âmbito dos 50 anos da RTP. Centro Cultural de Belém. Lisboa, 2007. Disponível em: <[www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=1279](http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=1279)>. Acesso em: 27 de julho de 2012.
- \_\_\_\_\_. Mar me quer. Lisboa: Caminho, 2001.
- \_\_\_\_\_. Na berma de nenhuma estrada e outros contos. Lisboa: Caminho, 2001.
- \_\_\_\_\_. O fio das missangas. Lisboa: Caminho, 2004.
- \_\_\_\_\_. O gato e o escuro. Lisboa: Caminho, 2001
- \_\_\_\_\_. O outro pé da sereia. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. O país do queixa-cor. Maputo: Nadjira, 2003.

\_\_\_\_\_. O último voo do flamingo. 1.ed., São Paulo: Cia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Perguntas à língua portuguesa. Disponível em: <[www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=118](http://www.ciberduvidas.com/articles.php?rid=118)>. Acesso em: 27 de julho de 2012.

\_\_\_\_\_. Terra sonambula. Alfragide. Leya/BIS, 2008.

\_\_\_\_\_. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. Vinte e zinco, Lisboa: Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. Vozes anoitecidas. Lisboa: Caminho, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman. 1989. Language and Power. Harlow: Longman Group UK Limited

FERRAZ, Cristina. Resenha: O último voo do flamingo. Revista eletrônica boletim do tempo, ano 5, nº 27, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5481:resenha-o-ultimo-voo-do-flamingo&catid=13&Itemid=129](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=5481:resenha-o-ultimo-voo-do-flamingo&catid=13&Itemid=129)>. Acesso em: 11 de maio de 2012.

FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa III. 1.ed. Instituto de Cultura Portuguesa, MEIC, Secretaria de Estado da Investigação Científica, 1977.

FIGUEIREDO, Olivia Maria de. O ficcionário de O Último Voo do Flamingo de Mia Couto. in Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas, II Série, Vol.

XIX, Porto, 2002, pp. 521-538

FONSECA, Maria Nazareth Soares; Moreira, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas. Pesquisa CNPq. Disponível em: <[http://ich.pucminas.br/postletras/nazareth\\_panorama.pdf](http://ich.pucminas.br/postletras/nazareth_panorama.pdf)>. Acesso em: 27 de julho de 2012

FONSECA, Maria Nazareth Soares; Cury, Maria Zilda Ferreira. Espaços Ficcionalis – Mia Couto. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008

FREITAS, Maria Teresa de. Literatura e História. São Paulo: Atual, 1986

GARRIDO, Nilton. Literatura africana em língua portuguesa, 2010.

HALLIDAY, M.A.K & HASAN, R. Cohesion in spoken and written English. Londres: Longman. 1976.

HYMES, Dell. Introduction: Towards ethnographies of communication. In: GUMPERZ, J.J. & HYMES, D. (eds.). The ethnography of communication, American Anthropologist, 66 (6, parte 2): pp.1-34

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os segredos do texto. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LARANJEIRA, Pires (org.). A negritude africana de língua portuguesa – textos de apoio (1947 – 1963). Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MACEDO, Tânia; Maquêda, Vera. Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MACIEL, Carmén. Língua portuguesa: diversidades literárias africanas. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais em Coimbra, 2004. Disponível

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/CarmenMaciel.pdf>>. Acesso em 4 de maio de 2012.

MAINGUENNEAU, Dominique. O contexto da obra literária. São Paulo: Martins Frontes, 2001.

MALINOWSKI, Bronislaw. The problem of meaning in primitive languages. In: OGDEN, E.K. & RICHARDS, I.A. (eds.) The meaning of meaning. London: Routledge. 1923.

MARIANI, Bethania. Políticas de colonização linguística. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Maria, 2003. Disponível em: <[w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r27/revista27\\_7.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_7.pdf)>. Acesso em: 27 de julho de 2012.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. O léxico de Guimarães Rosa. São Paulo: EDUSP. 3.ed. 2000.

MATEUS, et al. Fonética, Fonologia e Morfologia do Português. Lisboa : Universidade Aberta, 1990.

MATUSSE, Gilberto. A construção de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa. 1993, 184 p., Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Departamento de Línguas e Literaturas Românicas. Universidade de Lisboa.

MORAIS, Márcia Marques de. Vozes entretecidas – narrativas de Mia Couto e Guimarães Rosa em diálogo. Revista de Letras. jan/dez 2006. nº 28, vol.1/2

NEWITT, M.D.D. A history of Mozambique. London: Hurst, 1995.

NOA, Francisco. Literatura moçambicana: memória e conflito. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane. Livraria Universitária, 1997.

NOVAES, João. Mia Couto: ativismo político também é feito com literatura. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/perfis/25345/mia+couto+ativismo+politico+tambem+e+feito+com+literatura.shtml>>. Acesso em 12/12/2012

Organização as Nações Unidas - ONU. Relatório de Desenvolvimento Humano, 2007/2008, 2008. Disponível em: <<http://hdr.undp.org>>. Acesso em: 20 de setembro de 2012.

PÊCHEUX, Michel. O acontecimento: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

RAMA, Ángel. Literatura e cultura na América Latina. Aguiar, Flávio & Vasconcelos; Sandra Guardini T. (orgs.) Tradução: Santos, Raquel la Corte dos; Gasparotto, Elza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. – (Ensaio latino-americanos; 6).

RAMOS, Graciliano. Conversa de bastidores. In: Linhas tortas. Rio de Janeiro:Record, 1994.

REMOND, René (Org.). Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2003

RODRIGUES, Ângela Lamas, Dominação e Resistência na África: A Questão linguística in Gragoatá, no. 19 – 2º semestre 2005. Niterói: Eduff, 2005.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SAUÍTE, Nelson. O escritor moçambicano e a língua portuguesa. Jornal de

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

Letras. Lisboa, 09 jan., 1990, nº392.

STARLING, Heloísa. Outras conversas sobre os jeitos do Brasil. Suplemento Literário de Minas Gerais – Arquivo Guimarães Rosa, no 19, p. 14-16, nov. 1996.

\_\_\_\_\_. Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Revam/UCAM/IUPERJ, 1999.

\_\_\_\_\_. Imagens do Brasil: Diadorim. Semear. Rio de Janeiro, nº 5, Departamento de Letras/Cátedra Padre António Vieira da Estudos Portugueses/ Pontifícia Universidade Católica, 2001. Disponível em: <[http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/5Sem\\_12.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/5Sem_12.html)>. Acesso em: 28 abr. 2006. Não paginado.